



Instituto de
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Luciana Araújo De Souza

“O inferno são os outros”: A construção do saxão como um bárbaro, na obra *A destruição britânica e sua conquista*, do monge Gildas (século VI e.c)

Rio de Janeiro

2017

“O inferno são os outros”: A construção do saxão como um bárbaro, na obra *A destruição britânica e sua conquista*, do monge Gildas (século VI e.c)

Luciana Araújo De Souza

Instituto de História/ CFCH
Bacharelado em História

Paulo Duarte Silva
Doutor em História

Rio de Janeiro

2017

“O inferno são os outros”: A construção do saxão como um bárbaro, na obra *A destruição britânica e sua conquista*, do monge Gildas (século VI e.c)

Luciana Araújo De Souza

Monografia submetida ao corpo docente do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel.

“O INFERNO SÃO OS OUTROS”: A construção do saxão como um bárbaro, na obra *A destruição britânica e sua conquista*, do monge Gildas (século VI e.c)

Luciana Araújo De Souza

DRE: 113050099

Monografia submetida ao corpo docente do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel.

Banca examinadora:

Prof. Doutor Paulo Duarte Silva- Orientador

Prof. Mestra Juliana Salgado Raffaeli

Prof. Mestre Guilherme Marinho Nunes

Rio de Janeiro

2018^a

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar ao meu avô Amadeu, cujo carinho, dedicação e cuidado ultrapassaram a barreira da vida e de quem sinto falta todos os dias desde 2012. Aproveito e agradeço a minha avó Antônia, cujas cantigas ecoam na minha cabeça e de quem eu sinto as mais sinceras saudades por estar longe.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Paulo Duarte, por me acolher, por me mostrar uma forma de pesquisar que me completa, por toda dedicação empreendida e por confiar em mim. Para além disso, agradeço também por ter sempre me ouvido com paciência, independentemente do assunto a ser tratado, por ser mais do que um professor também um amigo.

Agradeço aos meus pais, Ana Regina e Jurandir, por todo investimento feito em mim, por todas as brigas também. Apesar de todas as diferenças e dificuldades agradeço por serem quem são, e por me fazerem ser quem sou.

A minha irmã, Silvana, cujas conversas bobas e sérias me faziam me sentir um pouco em Manaus mesmo estando tão longe, por se mostrar uma amiga apesar de toda a distância.

À luz da minha vida, Letícia, sem o seu carinho eu não seria ninguém nessa selva de pedra que é o Rio de Janeiro, obrigada por todos os dias, mesmo os que passamos longe, o seu carinho me sustentou e hoje mais do que nunca tenho certeza que ela é a minha pessoa, e sempre será.

Aos parceiros de pesquisa, Diogo e João, por terem perseverado e não me permitido desistir todas as vezes que eu disse que não sabia escrever, agradeço-os por existirem e estarem comigo durante essa jornada tortuosa, por serem meu porto seguro nos mais variados momentos.

Ao meu grupo de fofoqueiros preferido, Paula, Eric e Simone, vocês tornaram os dias no IFCS mais leves e a vida acadêmica mais possível, agradeço-os pelo carinho e por não me rejeitarem mesmo com todo o meu mau-humor, obrigada por serem meus amigos e mais que isso por serem meus companheiros.

Aos meus meninos de 2013.1, todas as cervejas e conversas valeram a pena, todo apoio incondicional me proporcionou estar onde estou com leveza e alegria.

Agradeço à Manaus, por ser um lugar tão maravilhoso e tão doloroso na minha memória, mas principalmente por ter me permitido ser a mulher que sou hoje.

Ao meu querido Hugo Mateus, que me ouviu em todos os momentos e me mostrou que a amizade é possível mesmo nos momentos mais adversos.

À xinxila, erros propositais, mais amada da minha existência, Amanda, por me permitir ser, por ser ao meu lado e por a cada dia me provar que o amor existe e que juntas somos capazes de vencer o mundo.

À Leila Rodrigues e Andreia Frazão, por terem me acolhido no PEM como estudante e como pessoa, as broncas, conversas e carinho me edificaram como pessoa cada vez que entrei por aquela porta.

Também agradeço pelas três formações de equipe PIBEX das quais fiz parte durante o período de bolsa no PEM, por serem pessoas maravilhosas, com quem eu partilhei o trabalho e a vida dentro desse prédio, carrego cada um de vocês comigo.

Por fim agradeço ao PEM, assim como entidade mesmo, por ter me mantido na universidade e não ter me permitido desistir, por todas as vezes em que eu não quis sair da cama e pisar no prédio e me lembrar do espaço, da pesquisa, das pessoas que compõem o laboratório me motivou.

RESUMO

SOUZA, Luciana Araújo De. **“O inferno são os outros”**: A construção do saxão como um bárbaro, na obra *A destruição britânica e sua conquista*, do monge Gildas (Séc. VI e.c) Orientador: Paulo Duarte Silva. Rio de Janeiro. UFRJ/CFCH/IH, 2017. Monografia (bacharelado em História).

Esta monografia analisa o processo de migração anglo-saxônica à Britannia durante o século V, a partir do documento *A destruição britânica e a sua conquista*, atribuído ao monge Gildas. Interessa-nos a disputa de cunho político presente na representação dos grupos saxões em tal obra, entendida como uma expressão de poder e de dominação. Neste sentido, a representação dos grupos migratórios converte-se em juízo de valor atribuído, possibilitando a leitura destes como *bárbaros*, frente ao entendimento que atribui ao cristianismo um lugar de civilização.

Palavras-chave: Migrações, civilização e barbárie, representação.

ABSTRACT

This monograph analyzes the process of Anglo-Saxon migration to Britannia during the fifth century, from the document *The Ruin of Britain* and its conquest attributed to the monk Gildas. We are interested in the dispute of a political nature present in the representation of the Saxon groups in this work, understood as an expression of power and domination. In this sense, the representation of the migratory groups becomes a judgment of value attributed, enabling the reading of these as barbarians, against the understanding that attributes to Christianity a place of civilization.

Keywords: Migration, civilization and barbarism, representation.

Sumário

Capítulo Um - Considerações Introdutórias.....	1
Capítulo Dois - Historiografia, migração e assentamento.....	12
Capítulo Três - Gildas e a Britannia de seu tempo.....	20
Capítulo Quatro - A crônica, a representação e o poder simbólico.....	26
Considerações finais.....	36
Referências Bibliográficas.....	39

Capítulo Um: Considerações introdutórias

O período denominado de Primeira Idade Média¹ corresponde a uma profunda desarticulação do chamado Império Romano do Ocidente, em relação aos seus aspectos políticos e territoriais. Tal desarticulação foi intensificada pela frequente incursão dos grupos germânicos² à região.

Tais grupos seriam um dos responsáveis pelo rompimento da Antiguidade e o início da Idade Média, sendo assim nomeada por uma concepção meta-narrativa da Modernidade³ que encara tal período como um tempo médio marcado pela barbárie e pelo não avanço, sendo intermediário em sua própria concepção⁴.

Pensando o processo de migração de tais grupos e seu gradual assentamento, podemos apontar para o surgimento dos reinos romano-germânicos como uma consequência e adaptação política que viria a marcar tal período.

A Primeira Idade Média, vêm ao longo dos anos ganhando destaque nas pesquisas científicas acerca do período, deixando para trás o interesse centrado na maior profusão da Idade Média, ou seja, os castelos, universidades e cidades⁵. Surgem então nos últimos anos, diversas obras que se debruçam sobre os acontecimentos relacionados ao surgimento dos reinos romano-germânicos⁶. O fato é que apesar do reente destaque, tal assunto ainda é pouco abordado e é usado como chave de manobra política desde os séculos XVIII e XIX, na busca

¹ Concordando com a historiografia brasileira, que aponta tal nomenclatura, como Hilário Franco Junior, sendo assim demarcada como iniciada em princípios do século IV, e encerrando-se em meados do século VIII, vide FRANCO JÚNIOR, Hilário. Sinopse da civilização medieval. In:_____. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p.200.

² Concordando com a historiografia geral que nomeia todos os grupos que adentram o limes romano de germânicos, no entanto detemos o conhecimento de que eram grupos de maior diversidade étnica, vide: LOT, Ferdinand. *Le germains des origines jusqu'a l'entrée des goths sur le sol romain*. In:_____. **Les invasion germaniques: La pénétration mutuelle du monde barbare et du monde romain**. Paris: Payot, 1945. p. 13-49. p. 15.; para uma visão mais atualizada vide: PINTO, O. L. V. *Átila, rei dos ostrogodos? Um estudo acerca de identidades imaginárias na Antiguidade Tardia*. **História e Cultura**, Franca, v.2, n.3, p. 306-319, 2013. p. 307.

³ Com relação a isso, apontamos para o artigo de Patrick Geary, que aponta a formação da meta-narrativa da Idade Média como um período intermediário, fruto da Modernidade, ao buscar formar sua própria meta-narrativa de progressismo e continuidade em relação ao avanço da Antiguidade. GEARY, P. *Multiple Middle Ages: Rival Meta-Narratives and the Competition to Speak the Past*. In: CURTA, Florin; SPINELI, Cristina (Ed.). **Writing History: Identity, Conflict, and Memory in the Middle Ages**: Patrick J. Geary. Bucareste, Braila: Academiei Române, 2012. p. 324-38, p. 324-326.

⁴ GEARY, P., op. cit.,p. 329-331.

⁵ Propostos a partir da chamada Idade Média Central.

⁶ A esse respeito ver: SILVA, Leila Rodrigues. *Monarquia e Igreja na Galiza na segunda metade do século VI: O modelo de monarca nas obras de Martinho de Braga dedicadas ao rei suevo*. Niterói: EdUFF, 2008.; FRIGHETTO, Renan. **Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações**. Curitiba: Juruá, 2012.

de formulação de uma identidade nacional europeia⁷ que teria sua origem em tal período e em tais grupos componentes da *Völkerwanderung*⁸, pensando para esse período o surgimento de uma identidade étnica e por conseguinte aquisição primária⁹.

Partindo de tais ideias, percebe-se a necessidade de discutir o processo migratório de tais grupos e sua conseqüente inserção no jogo político estabelecido na região que adentra o *limes* romano.

Levando em consideração a região da Britannia¹⁰, correspondente à parte do território romano, busca-se focar na chegada dos saxões e seu assentamento como realidade de contraposição à ordem romano-bretã estabelecida à priori, ou seja, a chegada dos saxões vai corresponder a uma alteração da organização estabelecida anteriormente.

Assim, essa monografia resulta da premissa de que nossa proposta, centrada na análise do discurso presente na obra de um monge que teria vivido na virada entre os séculos V e VI e, portanto, contemporâneo a tais processos migratórios, pode constituir uma perspectiva interessante para percepção criada acerca de tais grupos migratórios e as relações político sociais estabelecidas em tal região.

Nossa problemática reside na representação¹¹ do saxão como um bárbaro, na obra *A destruição britânica e sua conquista (séc. VI)*¹², atribuída ao monge Gildas, como correspondente a uma reação à chegada dos grupos migratórios e seu gradual assentamento na Britannia, e portanto em um cenário de disputa política. Ressalta-se que tal reação, em um plano mais amplo e correspondente à outras obras do mesmo período, corresponde a dois modelos que divergem em conteúdo, um deles constrói a memória de tais grupos de forma valorada e se vê associado a projetos monárquicos e o outro corresponde a um rechaçar de tais grupos, coibindo-os dentro de um plano simbólico. Ambos, apesar de sutilmente diferentes em

⁷ GEARY, P. **O mito das nações**: a invenção do Nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2005. p.17-23.

⁸ Migração dos povos.

⁹ GEARY, P. **O mito...** op.cit. p. 49. Tendo a concepção de aquisição primária, baseando as aquisições territoriais e nacionais em estudos etnoarqueológicos que propuseram que um território estudado corresponderia às “nações estabelecidas” quando da migração germânica nos primórdios medievais.

¹⁰ Região correspondente à atual Inglaterra, assim denominada pelos romanos.

¹¹ Aqui utilizando o conceito de Roger Chartier, a ser explorado de forma mais pontual posteriormente.

¹² Daqui para frente, a fim de facilitar a dinâmica textual nos referiremos a tal obra pela sigla DBC.

conteúdo detém a mesma finalidade: a de inserir os grupos *bárbaros*¹³ no universo simbólico pré-estabelecido na região, além de serem indicativos da situação política estabelecida¹⁴.

Nosso principal objetivo é analisar a forma como a representação dos grupos recém chegados, neste caso os saxões, pauta-se em caracteres associados à definições de civilização e barbárie¹⁵, levando em consideração uma narrativa de extrema violência, nos possibilitando assim estabelecer conexões entre a chegada de tais grupos, a realidade política da Britannia e a recepção de um representante da Igreja¹⁶.

Deste modo, a discussão sobre a representação dos saxões como *bárbaros* que assolariam a região britânica na obra de Gildas é premido por dois debates aos quais os historiadores tardo-antiquistas e/ou medievalistas devem atentar: por um lado, a) o suposto protagonismo germânico na conhecida ‘crise’ imperial e na formação dos reinos romano-germânicos¹⁷; por outro, b) a produção da memória escrita de tais eventos por parte dos cronistas e historiógrafos, quase sempre associados ao episcopado¹⁸.

Nesse sentido, dividimos a pesquisa em três eixos mais amplos, ou ainda, objetivos secundários que permitem abarcar as principais questões concernentes à reflexão acerca da problemática elaborada.

Primeiramente traçamos um panorama sobre a forma como as migrações germânicas vem sido tratadas pela historiografia de forma mais geral e dentro do Brasil, debate no qual

¹³ A utilização do itálico refere-se à preocupação em destacar o posicionamento em relação a polissemia do termo, ao compreendermos que tal nomenclatura foi largamente utilizada de forma pejorativa, mas que ainda tem colocação em meio às discussões acerca dos grupos migratórios presentes na Idade Média.

¹⁴ Tal premissa de inserção das narrativas germânicas no universo cultural da *paideia/romanitas* pode ser encontrada nas reflexões do historiador Marcus Cruz quando este menciona o “esforço realizado pelo conhecimento histórico tardo antigo para incorporar aos seus domínios narrativos a tradição trazida pelos povos ‘bárbaros’”. CRUZ, Marcus. Gregório de Tours e Jordanes: a construção da memória dos bárbaros no VI século. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 36, n. 1, p. 13-27, 2014. p. 14.

¹⁵ Definições apresentadas por Tzvetan Todorov, a serem exploradas a seguir.

¹⁶ A saber, sabemos que Gildas não era necessariamente ordenado, mas indica-se que este era um monge, vide GRIGG, Erik. Gildas. [s.l]: [s.n], [20-- ?] p. 1.

¹⁷ A esse respeito podemos apontar diversos estudiosos que apontam para tal protagonismo, seja em uma perspectiva em que propõem os grupos germânicos como causadores do declínio do Império, quanto aqueles que propõem tais grupos como parte de uma crise, mais abrangente e intrínseca ao império e que, por conseguinte, destacam-se também como sintetizadores de uma nova estrutura política a partir de tais mudanças. Vide: ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: UNESP, 2013. p. 119-142.; HALSALL, G. Movers and Shakers: the barbarians and the fall of Rome. *Early Medieval Europe*, Oxford, n.8, p. 131-145, 1999.

¹⁸ A esse respeito podemos apontar a construção política de identidades centradas acerca de tais grupos, sejam de recusa ou exaltação, produzindo assim uma memória escrita. Vide: FREITAS, Edmar C. Dos reis cabeludos ao rei santo: monarquia e religião na Gália merovíngia. *Brathair*, São Luís, ed. especial 1, p. 65-80, 2007.; CRUZ, Marcus. Gregório de Tours... op. cit.; PINTO, Otávio. Contos de uma insurreição. A Batalha do Rio Nedao e a Revolta Fictícia dos Povos Germanos. *Brathair*, São Luís, v. 15, n. 2, p. 115-131, 2016.

buscamos inserção.¹⁹ Assim, podemos destacar a presença de dois eixos de entendimento acerca desses grupos. Um primeiro ponto que vai endossar o discurso das documentações de época, destacando o caráter violento e destrutivo de tais migrações, apontando para a total suplantação do Império Romano como resultado de tais ações. E um segundo que se preocupa com uma maior criticidade no exame das mesmas obras, atentando ao processo de migração como resultante de diversos acordos, sem a exclusão do caráter violento e, no entanto, aponta para sua existência como um dos fatores que possibilitou o assentamento de tais grupos – e, por conseguinte, a gradual desarticulação do Império Romano do Ocidente²⁰.

É importante ressaltar, que ambos os eixos de tal entendimento, partem do pressuposto de que o Império Romano estava em um momento de crise²¹.

Em segundo plano buscamos destacar como a historiografia mais recente que trata das questões concernentes ao processo migratório à *pars occidentalis* preocupa-se com o caráter narrativo e político das documentações que falam acerca do processo, atentando para a presença da alteridade de tais relatos instituindo assim a intencionalidade simbólica e política de tais obras, assim como seu uso na construção de uma memória na época e seu próprio uso em uma construção de identidade nacional atual. Portanto, busca-se demonstrar o crescente interesse dessa nova historiografia pela intencionalidade do autor, assim como para seu contexto e o uso de categorias que compõem o texto.

Nossa terceira intenção centra-se na questão da acepção e distribuição do cristianismo na chamada *Britannia* romana, assim como o contexto em que o monge Gildas se encontrava quando da redação da *DBC*. Assim, enfocamos nos processos de cristianização e romanização da região, iniciado a partir do século I, dando espaço a uma aristocracia bretã romanizada que

¹⁹ Atentamos para o fato de que tal debate é herdeiro das discussões propostas pelos estudos etnogenéticos: estes se baseavam na proposição de Reinhard Wenskus, de que as migrações germânicas não corresponderiam a movimentos gerais de povos, mas sim a migrações de grupos nobres detentores e protetores de determinadas tradições – *tradioskern* – cujo sucesso militar seria responsável pelo agrupamento de um maior contingente populacional. A esse respeito podemos apontar Herwig Wolfram, cuja perspectiva considera a extensa relação que se estabelece entre os grupos germânicos e o império em dimensões legais e por meio de acordos, com o pontapé inicial para a chamada *Escola de Viena*. Vide: WOOD, I. The barbarian invasion and first settlements. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (Ed.). **The Cambridge ancient history**. The late empire, A. D. 337-425. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 516-537.; WOLFRAM, H. **The Roman empire and its germanic peoples**. Berkeley: University of California Press, 1997.; POHL, W. **Kingdoms of the Empire: The integration of barbarians in late antiquity**. Leiden: Brill Academic Publishers, 1997.

²⁰ Podendo desdobrar esse segundo plano ainda em um aparato sobre as questões concernentes à pesquisa sobre a História Inglesa, mais pontualmente a Inglaterra medieval.

²¹ ANTIQUEIRA, Moisés. Era uma vez a crise do império romano no século III: percursos de um recente itinerário historiográfico. **Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, n.9, 152-168, 2015.

compõe o escopo social do qual o autor advém, ou seja, de uma aristocracia de civilidade romana.

A partir do supracitado, adentramos na quarta parte de tal monografia onde analisamos a obra de Gildas, pensando, para tanto, a representação dos grupos *bárbaros*, principalmente no que compõe tal característica em contraposição à ideia de civilização. Percebendo tal caracterização textual como uma dicotomia possibilitada pela atitude belicosa de tal processo migratório, em tal dinâmica o posicionamento social do autor também constitui influência sobre tal caracterização, uma vez que tal autor disserta acerca de eventos ocorridos, em relação ao processo de migração e assentamento dos grupos saxões, dos quais ele mesmo é resultado.

Sendo assim, é necessário destacar que o processo de migração dos grupos germânicos ao ocidente romano compete com um período de maior articulação do cristianismo em tal região. A *Britannia*, no entanto, encontra-se no limiar das fronteiras ocidentais²², tendo isso que ser levado em consideração quando da análise do processo migratório.

Nossa pesquisa insere-se no campo historiográfico da Nova História Política, ou seja, aquela que acredita que o Poder corresponde a um fenômeno que permite a compreensão das dinâmicas sociais²³. Em tal sentido compreendemos que as representações correspondem a sinais, podendo ser escritos, iconográficos e dos mais diversos tipos, que indicam as práticas sociais e portanto a compreensão sobre uma realidade histórica, levando em consideração que tais representações vão indicar também ações sociais determinadas por grupos específicos e seus interesses, na nossa pesquisa os interesses cristãos. Assim, associamos a noção de representação social²⁴ de Roger Chartier ao conceito de poder simbólico de Pierre Bourdieu, sendo este “o poder invisível que pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”²⁵ cabendo então a associação deste aos interesses propostos pela representação, escrita, da barbárie presente no documento do autor.

Chartier ao caracterizar a História Cultural aponta que esta seria hábil a “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada

²² WOOD, I. Introduction: Drawing frontiers. In: _____; POHL, W.; REIMITZ, H. (Org.). **The transformation of frontiers: from Late Antiquity to the Carolingians**. Leiden; Boston: Brill, 2001, p.1-4.

²³ SILVA, Marcelo Cândido. A Idade Média e a Nova História Política. **Signum**, São Paulo, v. 14., n. 1. p. 92-102. 2013. p.96.

²⁴ Aqui entendida principalmente como uma ferramenta de compreensão da realidade, a ser esmiuçada posteriormente.

²⁵ BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

a ler”.²⁶ Em tal sentido, apontamos o caráter concreto da representação, uma vez que esta corresponde às impressões e intencionalidades de uma estrutura social diretamente associada com sua organização. A partir disso, podemos apontar a representação como uma das expressões do poder simbólico no que toca os sistemas simbólicos propostos (religião, mito, língua) por Bourdieu enquanto estruturas estruturantes. Ou seja, para nós a representação de Chartier associa-se diretamente ao poder simbólico no que propõe uma visão de mundo particular permeada pelos interesses grupais, a esse dado caso da Igreja, representada nesse ponto pela obra do monge Gildas.

Assim, aponta-se como um monge vinculado às instituições eclesiásticas via o mundo e produzia um sentido acerca da realidade de uma maneira própria, a ser observada na DCB, e como esta dialogava diretamente com os fenômenos políticos e disputas de poder contextuais, pensando-a como um agente produtor de sentido de uma ordem gnosiológica²⁷.

Dito isto, apontamos para a formação de um aparente consenso²⁸ que por fim aponta para uma dominação simbólica, ou pretende-se apontar, onde se tem um dominante e um dominado que percebe o mundo social a partir desse sistema dominante, em diálogo com seu lado subjetivo. Assim, o dominante propõe o mundo de acordo com a sua perspectiva, fazendo uso instrumental do sistema simbólico na manutenção de sua dominação. Possibilitando assim a existência de hierarquias sociais que pautar-se vai pelo consenso subjetivo proposto a priori.

Tendo dito isso, observamos que a representação dos *bárbaros* proposta pela obra constituía justamente a proposição de uma perspectiva de mundo inserida na lógica da dominação construída. Por conseguinte, utilizamos o conceito de *barbárie* de Tzvetan Todorov em contraposição com o de *civilização*²⁹ para compreensão de tal sistema simbólico, no passo que esse autor aponta para a *barbárie* como selvageria. Tal caracterização corresponde à certas proposições, como: a associação do homem aos seus instintos animais, assim como a analogia direta a animais; a brutalidade excessiva em combate e o não respeito ao outro; o não

²⁶ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002, p. 67.

²⁷ Aqui encarada como protótipo de visão de mundo, dotada de poder significativo dentro de uma lógica político-social.

²⁸ Possibilitado gradualmente pelo verniz cristão, em expansão a partir do século I.

²⁹ A esse aspecto concorda-se com o historiador Ronaldo Amaral quando este aponta para uma crítica da civilização e da barbárie atentando-se para as evoluções semânticas de tais termos e suas implicações no social, portanto sua representação também se inclui em tal discussão, aferindo a representação do bárbaro como um constructo. Vide: AMARAL, R. O bárbaro como constructo. Uma rediscussão historiográfica das migrações germânicas a luz dos conceitos de cultura, civilização e barbárie. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 6-28, 2014.

pudor; ou ainda a não organização da sociedade baseada em instituto legal; denota-se que ser civilizado seria divergir de tal padrão. No mundo romano, com o surgimento e aceção do cristianismo, uma característica vai ser acrescentada ao panorama supracitado de selvageria, o paganismo, em oposição ao cristianismo, vai ganhar espaço como barbárie a medida que o mundo romano vai se "uniformizando" sob a égide cristã.

A principal documentação utilizada nessa pesquisa foi, como supracitado, a DBC, elaborada em meados do século VI, e atribuída ao monge Gildas. Trata-se de uma crônica e, portanto, de uma documentação que pretende orientar os homens no mundo cristão, apontando-lhes os principais acontecimentos relativos à humanidade e, sobretudo, ao cristianismo.³⁰ Tal gênero é presente em toda a Idade Média e narra “toda a história da humanidade, desde a criação do mundo até a época de seu autor”³¹, algumas ultrapassando o período de vida do autor em uma ordem escatológica³². Apesar da pretensão universalista³³ a maior parte dessas crônicas centra-se em reinos e, eventualmente, dioceses e regiões da Europa Ocidental: no caso de Gildas, correspondia a uma forma de inserção dos grupos germânicos na história cristã.

Ressalta-se que tal gênero textual vai estar diretamente ligado à tradição tucidideana de reportagem dos fatos, assim como à tradição retórica clássica³⁴, apontando para *topoi* literários Aristotélicos, tais como a modéstia afetada presente principalmente na primeira parte do texto. O que fica mais expresso no texto é a justa medida de concepção do fim dos tempos, em se inserindo na concepção de mundo cristão, na qual se aguarda pelo juízo final, Gildas propõe-se a contar os fatos que levaram ao castigo, centrado nas “invasões”³⁵, pela iniquidade de um povo, a saber os bretões, que estavam a caminho do juízo final.

Assim, utilizando os conceitos de poder simbólico e de representação – sendo a última pautada na nossa análise nos caracteres de civilização e barbárie –, podemos interpretar a crônica de Gildas como um caminho para o entendimento de uma identidade romano-bretã, sobretudo cristã, que se vê em choque com a chegada de tais grupos e a mudança política que se estabelece e, por conseguinte, leva à formação de uma caracterização de tais povos em meios

³⁰ NATAL VILLAZALA, D. **De Ambrosio de Milán a Lérins: gestión del conflicto y construcción del poder episcopal en época teodosiana (375-450 d. C)**. León, 2010, 451 f. Tese (Doutorado em História)- Departamento de História, Universidade de León, León, 2010.

³¹ TORO VIAL, J. M. As crônicas universais e a cosmografia medieval. In: TEIXEIRA, I. S.; BASSI, R. A escrita da História na Idade Média. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 158-183. p. 158.

³² Aquelas que se preocupam em narrar os eventos concernentes ao apocalipse bíblico.

³³ Esta pertence a uma visão de mundo associada ao providencialismo.

³⁴ Apontando para os *topoi* literários que compõem o texto, dando a entender que o próprio autor usufrui de tal herança clássica.

³⁵ Aqui em concordância com a ideia do autor que vê as migrações como invasões.

documentais, a partir disso conclui-se que o entendimento de tal contexto é fundamental para uma análise verossímil.

Sendo assim, tal documentação é tratada em nossa pesquisa como uma obra que possibilita o aprofundamento sobre a reflexão não apenas da realidade instituída na *Britannia* do século VI, mas também como as relações político-religiosas encontravam-se em “combate” tendo como chave de entendimento o assentamento de tais grupos migratórios na região. Atribuindo tal disputa simbólica, uma vez que Gildas expressa-se pelo texto que dialoga com outras obras que também tratam de grupos migratórios, ao campo³⁶ religioso.

Para tanto, utilizamos três edições da DBC: uma que data do final do século XIX, traduzida por J. A. Giles e que compõe a coleção de crônicas inglesas traduzidas, contando com outras obras relacionais à história da Inglaterra. As segunda e terceira edições são: uma tradução da obra para a língua portuguesa³⁷, produzida pelo professor Ricardo da Costa em conjunto com seu aluno Bruno de Oliveira, sendo esta precedida de um prefácio crítico; e uma versão em inglês, comentada com notas de rodapé, produzida pelo pesquisador Roger Pierce no ano de 2003, ambas, tais obras apoiam-se na tradução de Giles para suas versões. Para além dessas versões, temos ainda a compilação de tal obra em diversos sites de domínio público, dedicados em sua maioria à chamada matéria arturiana, em que podemos identificar versões em inglês e em latim, geralmente associadas à tradução de Giles.³⁸

Busca-se com a análise de três versões a proposição de um maior discernimento acerca da obra: sendo assim, propõe-se o uso da obra de Giles por esta ser a tradução para o inglês mais antiga³⁹ e as duas por serem edições minimamente críticas com relação a primeira, levando inclusive em consideração a historiografia e linguística em suas versões.

Cabe, portanto, apresentar os objetivos fundamentais da pesquisa. Tendo como objetivos gerais da mesma: examinar como a historiografia discute a questão relacional à *Völkerwanderung* de forma mais ampla e em seguida no que concerne à região da *Britannia*, discussão na qual buscamos inserção em consonância com a historiografia mais recente; a investigar a relação entre Igreja cristã e assentamento/ surgimento dos reinos romano-germânicos.

³⁶ BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In:_____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 1984. p. 119-126, p.89-94.

³⁷ Sendo esta a única encontrada na língua portuguesa.

³⁸ Conferir: VORTIGERN STUDIES - British History 400-600. <<http://www.vortigernstudies.org.uk/arthist/vortigernquotesgil.htm> > Acesso em 25 de janeiro de 2018.

³⁹ Sendo inclusive bastante próxima do próprio advento da História enquanto disciplina.

Como objetivos específicos analisamos o movimento migratório anglo-juto-saxão à *Britannia*, e sua conseguinte acepção pelos grupos já residentes na ilha, a serem explorados a partir da perspectiva de Gildas, destacando então, o caráter político-social de tal processo e como este se relaciona à caracterização dos saxões como bárbaros.

Como metodologia para o uso destes textos, optamos pelo escrutínio por meio da Análise do Discurso, por contarmos com a noção de que os vestígios históricos devem ser percebidos como processos discursivos, para tanto, abrindo mão da noção do documento como monumento⁴⁰ para pensa-lo como documento em si, ou seja, criticamente.

Assim, propomos uma análise sistemática da documentação feita a partir de questões colocadas com o intuito de, ao levar em consideração a complexidade do texto, ser capaz de propor novas interpretações.⁴¹ Partindo disso, norteamos nossa pesquisa nas questões concernentes ao uso político da obra de Gildas, ou seja, sua intencionalidade ao escrevê-la. De uma forma mais pontual, questionar: **a)** como Gildas descreve os acontecimentos referentes à conquista da *Britannia* pelos *bárbaros* germânicos? **b)** como estes são caracterizados, especificamente os saxões?

Amparada nas contribuições da Nova História Política, nos conceitos de poder simbólico e de representação e, finalmente, na Análise do Discurso, nossa hipótese é a de que, ao relatar a situação da *Britannia* a sua época, Gildas pretende também criticar a situação política estabelecida e intensificada com o assentamento dos grupos saxões em tal região, em uma busca de defesa da manutenção do poder e da dominação social do cristianismo na região, uma vez que os grupos migrantes eram pagãos. Assim, a caracterização dos saxões, sempre feita em depreciação e barbarização desses, partindo da associação direta a animais (indicativo de bestialidade), ou o desmerecimento de suas práticas, corresponde a uma tentativa de renegá-los, contraposta à romanidade cristã, representada de forma positiva.

Deste modo, apontamos que o estudo das migrações germânicas nos permite perceber a fragilidade dos argumentos de identidade nacional contemporâneos europeus, uma vez que os mesmos propõem uma pureza étnica que corresponde muito mais a uma ideia imaginada⁴² do que é indicado pela historiografia⁴³.

⁴⁰ LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 462-560. p. 557.

⁴¹ FRAZÃO, Andreia. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. **Signum**, Curitiba, v.13, n.1, p. 131-153, 2015.

⁴² ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 30-34.

⁴³ GEARY, P. **O Mito...**op. cit., p. 11-25.

Entendemos, então, como pertinente a pesquisa acerca dos movimentos migratórios ao território romano ocidental, pois esta constitui uma forma de desnaturalizar o caráter pretensamente imutável europeu que, ao pautar-se em uma suposta herança nacional historicamente verificável, ampara a ideia de que existe uma pureza étnica e histórica. Concordamos então, com o historiador americano Patrick Geary⁴⁴, quando este aponta que “desmitificar” o período das migrações germânicas é uma forma de questionar essa pretensa pureza das nações europeias e demonstrar como a Europa é perpassada por movimentos migratórios durante todas as fases de sua existência.⁴⁵

Consideramos, então, a construção ou invenção das tradições⁴⁶ como fruto de um processo estatal e nacionalista que data dos séculos XVIII e XIX e que alicerça suas bases no período medieval, tido como momento de aquisição primária⁴⁷ e, portanto, de fundação de nações etnicamente definidas que desconsidera o caráter maleável de tais identidades, ou seja, o aspecto construtivo⁴⁸ e transitório de tais grupos, assim como a circulação intra-grupal.⁴⁹

Em tal sentido, discutir a representação da barbárie em tal período é, por conseguinte, discutir a alteridade presente em tais documentos, pensando o próprio lugar de fala uma vez que “definir o outro é definir a si mesmo”.⁵⁰ Aponta-se, então, para o empenho em definir aquele que vem de fora dos limites romanos como bárbaro e desumano por excelência, por não corresponder a um entendimento romano-cristão, como uma forma de discutir também a estigmatização legada aos imigrantes que chegam ao atual continente europeu ocidental aferindo, então, o próprio caráter subjetivo de tais construções.

Ninguém deve ser ingênuo a ponto de esperar que um entendimento mais claro da formação dos povos da Europa possa abrandar as tensões nacionalistas ou limitar o ódio e o derramamento de sangue que elas continuam causando. (...). Mesmo que isso não funcione, e até mesmo com a certeza de serem ignorados, os historiadores têm a obrigação de soltar o verbo.⁵¹

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ KULIKOWSKI, Michael. A busca pela origem dos godos. In:_____. **Guerras góticas de Roma**. São Paulo: Madras, 2008. p. 61-89.

⁴⁶ HOBBSAWM, E. Introdução: A invenção das tradições. In:_____.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2012, p. 7-26.

⁴⁷ Idem, p. 49.

⁴⁸ BECKER, A. Ethnicité, identité ethnique. Quelques remarques pour l'Antiquité tardive. **Gérion**, Madrid, v. 32, p. 289-305, 2014. p. 299.

⁴⁹ GEARY, P. **O mito...**op. cit., p. 66-70.

⁵⁰ PEIXOTO, P. V. S. Dois momentos distintos da historiografia antiga sobre os barbaroi: do distante ao próximo. CANDIDO, Maria Regina (Coord.). CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELIGIÃO, MITO E MAGIA NO MUNDO ANTIGO, 1, 2010, Rio de Janeiro. **Atas...**Rio de Janeiro: NEA- UERJ, 2010, p. 283-295. p. 283.

⁵¹ GEARY, P. **O mito...**op. cit., p.24.

Neste capítulo, apresentamos as linhas gerais de nossa pesquisa monográfica, detida na análise de uma crônica medieval do século V, em meio à *Volkerwanderung* anglo-saxã. A partir das referências aos conceitos de Bourdieu e Chartier, no âmbito da Nova História Política, propomos a análise da representação dos saxões como bárbaros frente aos romanos civilizados a partir do olhar da DCB.

Nossa problemática se vincula à historiografia que discute o tema das grandes migrações e formação dos reinos romano-germânicos, a fim de tecer uma formulação acerca da situação político-social britânica, a partir de tal análise.

Capítulo dois: Historiografia, migração e assentamento

Neste capítulo, debatemos a historiografia que discute as migrações germânicas, de forma mais ampla e detida, propondo, assim a nossa própria inserção dentro de tal debate. Em tal sentido, escolhas foram feitas acerca do que se propõe como mais relevante dentro da nossa perspectiva, ou seja, as obras que dissertam acerca das migrações e assentamentos germânicos sem, no entanto, desconsiderar aquilo que tomamos como pontapé inicial de tal discussão. O capítulo dessa forma divide-se na discussão de tais obras de forma mais ampla, para depois discutir as obras mais relevantes em relação a nossa própria perspectiva de análise, passando de uma visão mais generalizante acerca dos grupos germânicos a uma mais detida em especificidades.

Ao tratarmos do movimento migratório dos grupos germânicos ao Ocidente romano percebemos que há uma vasta gama de obras historiográficas que discutem o tema. Tomando como referência a documentação escrita no período, tais obras podem ser divididas em dois grupos. O primeiro grupo vai corresponder a um discurso quase apologético aos documentos do período e vai legar a tais grupos migratórios a responsabilidade sobre a destruição do império romano no Ocidente e portanto chamar tais movimentos de invasões. Por sua vez o segundo grupo se atenta a uma análise mais rigorosa dos documentos de época e, assim, se atenta para intencionalidade de tais documentos, deste modo, aponta-se para o carácter migratório de tais grupos sem, contudo, descartar o carácter também violento de tal processo.

Ao primeiro grupo podemos apontar como o intelectual inglês Edward Gibbon,¹ com sua obra *Declínio e Queda do império romano* que data ainda do final do século XVIII. Tal obra, que pretende-se uma grande síntese sobre o processo que leva à desarticulação do império romano, debruça-se sobre os processos e eventos concernentes à história romana a partir do primeiro século da era comum, discutindo principalmente aspectos políticos. Ao discursar sobre os grupos germânicos este endossa seu discurso sobre como eles teriam sido os responsáveis pela “queda” do império, tendo cercado e realizado incursões sobre o território romano impedindo-o de manter “a singular e perfeita coalizão de seus membros”,² adentrando e

¹ Anteriormente aos autores apresentados faz-se importante destacar que no período moderno já haviam obras que se dedicavam a discutir a relevância histórica dos germanos, como Flavio Biondo ou Wolfgang Laz, no entanto não com o mesmo enfoque historiográfico dedicado a partir dos projetos nacionalistas dos séculos XVIII e XIX, vide: GEARY, P. A Europa das nações ou a nação Europa: Mitos de origem passados e presentes. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, Aveiro, v.1, n. 1, p. 21-35, 2013. p. 21.

² GIBBON, Edward. **Declínio e queda do império romano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 542.

estabelecendo seus costumes e submetendo os romanos com sua barbárie. Tal autor, se torna extremamente expressivo uma vez que este condensa o pensamento iluminista acerca do período, ao propor que as invasões³ teriam acabado com o Império Romano do Ocidente, e por conseguinte com a civilização, adentrando a Europa em um período de barbarismo e estagnação.

A Gibbon se seguiram outros autores que, ao discutir o peso de tais “invasões”, também reforçam a nomenclatura de bárbaro a esses grupos. No imediato pós-1945, dois autores deram o tom das críticas aos povos germânicos: André Piganiol e Ferdinand Lot. O primeiro aponta para a leitura de que o Império Romano teria sido assassinado pelas incursões dos germânicos, enquanto que o último, em sua obra *Les invasion germaniques: la penetration mutuelle du monde barbare et du monde romain*,⁴ de 1945, preocupa-se em caracterizar os grupos étnicos exteriores e sua relação com o mundo romano e demonstrar como suas incursões a tal território também são responsáveis pela supressão de tal expressão política, como entendido o império romano. Em uma segunda obra, *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média* de 1956, vai pontuar que as “invasões bárbaras”, assim como a acepção do cristianismo são dois fatores responsáveis pelo fim do mundo antigo, quando estes se assomam aos problemas políticos e de manutenção internos do império.⁵

Tais autores, correspondendo ao período do imperialismo europeu e seus expoentes, teriam se questionado acerca do caráter das ações dos *bárbaros* dentro do Império, problematizando se esses teriam assassinado o mesmo, ou ainda se correspondiam a um processo de “morte lenta” do mesmo, imprimindo a tal processo a ideia de agonia do império.

No início do século XX ainda podemos apontar o nome do historiador belga Henri Pirenne que, em sua obra *Maomé e Carlos Magno*,⁶ aponta como responsáveis pelo fim da “romanização” os contatos estabelecidos com os germânicos. Em tal sentido estes teriam sido responsáveis pela quebra da manutenção da política de expansão romana, levando assim ao fim do império.⁷

³ Concordando com o argumento do autor.

⁴ LOT, F. **Les invasions germaniques: la pénétration mutuelle du monde barbare et du monde romain**. Paris: Payot, 1945.

⁵ Tradução nossa, vide: LOT, Ferdinand. **El fin del mundo antiguo y el comienzo de la edad media**. Mexico: Union Tipografica Hispano Americana, 1956.

⁶ PIRENNE, Henri. **Maomé e Carlos Magno: o impacto do Islã sobre a civilização europeia**. Rio de Janeiro: Puc, 2010.

⁷ O autor belga é um contraponto aos anteriores colocados anteriormente, uma vez que esse não lega aos germânicos o protagonismo no processo de mudança da Antiguidade a Idade Média, o autor propõe em realidade que a efetiva passagem da Antiguidade ao feudalismo é demarcada pelo processo de expansão muçulmana, que teria fechado o Mediterrâneo.

Outro nome a ser associado a tal vertente é o de Michel Banniard que na década de 1980 pública o livro *A alta idade média ocidental*,⁸ em que defende que a violência das invasões bárbaras é a responsável pela fragmentação das fronteiras do império romano, aproveitando-se das instituições romanas, ao tomar o poder destas, e formando seus reinos.

A segunda vertente a ser apresentada corresponde à pesquisas mais recentes que levam em consideração a migração de tais povos a partir da articulação destes com os romanos, examinando acordos e relações: ao serem estabelecidos, estes possibilitaram a migração dos germânicos à *pars occidentalis* do Império Romano, problematizando – sem necessariamente desconsiderar – o caráter violento de tais migrações.

O primeiro dos autores de tal vertente a ser aqui apresentado é Hilário Franco Júnior com sua obra clássica: *A idade média: nascimento do ocidente*⁹ de 1984. Em seu livro o autor demonstra, ao tratar do período que ele chama de Primeira Idade Média, que os germanos¹⁰ se empenhariam na manutenção simbólica do próprio mundo romano: este, por sua vez, por questões políticas e econômicas vai precisar do apoio de tais grupos.¹¹

Para além dos manuais, as pesquisas específicas de autores brasileiros se encaminham a tal entendimento, Leila Rodrigues da Silva,¹² Ruy Andrade¹³ e Renan Frighetto. Este último em seu livro *Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano bárbaras numa época de transformações*,¹⁴ de 2012, onde apesar de continuar a usar a nomenclatura de *bárbaro* para caracterizar os grupos germânicos, aponta para como o desenrolar das relações políticas entre romanos e germanos e essa interação constituída foram os fatores que possibilitaram vantagem dos segundos sobre os primeiros e, então, a instituição política daqueles.¹⁵

⁸ BANNIARD, Michel. **A alta Idade Média ocidental**. [s. l.]: Europa-America, 1980.

⁹ FRANCO-JUNIOR, Hilário. **Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

¹⁰ Atentando para a mudança do uso de termos para se referir aos grupos étnicos que migram para o ocidente medieval, ou seja, se anteriormente a historiografia chamava tais grupos de bárbaros o autor vai ter a preocupação de não caracterizá-los de tal forma.

¹¹ Com a intensificação dos movimentos migratórios, por meio de acordos e desacordos vão se estabelecer em território romano passando depois a governar.

¹² SILVA, Leila Rodrigues da. **Monarquia e Igreja na Galiza na segunda metade do século VI: O modelo de monarca nas obras de Martinho de Braga dedicadas ao rei suevo**. Niterói: EdUFF, 2008.

¹³ ANDRADE FILHO, Ruy de. Um espelho esmaecido: o reino visigodo de Toledo. Cristianismo e monarquia. **Signum**, Maringá, v.14. n. 1, p. 124-151, 2013.

¹⁴ FRIGHETTO, Renan. **Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano bárbaras numa época de transformações**. Curitiba: Juruá, 2012.

¹⁵ Os três autores foram agrupados, uma vez que fazem parte do plano de historiografia brasileiro que detém-se sobre a problematização das relações estabelecidas entre bárbaros e cristãos, já no pós assentamento, apesar de considerarem o período migratório como um fator de importância.

Em tal sentido podemos apontar também o autor americano Patrick Geary, e sua obra *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*,¹⁶ de 2005. que problematiza a ideia de *aquisição primária*¹⁷ e trata das migrações como um processo normal e recorrente no plano europeu. Levando tais ideias em consideração, aponta para o caráter transformador que as migrações germânicas vão trazer ao Ocidente, tais grupos estabeleceram uma mudança efetiva, principalmente política, que não corresponderia necessariamente à mudanças negativas mesmo que a reação escrita no geral a estas corresponda a tal sentido.

Em um artigo de revisão Guy Halsall¹⁸ resume tais premissas historiográficas supracitadas, ora ressaltando o protagonismo destrutivo germânico, ora concebendo as migrações em um plano mais amplo de transformações. De acordo com o autor a historiografia que trata acerca de tal tema pode ser dividida em dois grupos de compreensão: o primeiro nomeado pelo autor de *movers*, que corresponderiam ao grupo que pontua que os grupos germânicos seriam o agente catalisador das mudanças políticas na antiguidade tardia que levariam ao surgimento dos reinos; e o segundo chamado de *shakers* que defende que o império já estava abalado e os germânicos correspondem a um dos sintomas de tais abalos. Nesse sentido o autor, de forma sistemática, insere-se no plano de discussão que buscamos nos inserir¹⁹.

Outro aspecto relevante na investigação do processo migratório e de assentamento germânico remete à importância de dialogar com uma historiografia recente que vem discutindo a escrita dos documentos dos séculos IV, V e VI, que busca demonstrar a necessidade de ao analisá-los atentarmos-nos para a intencionalidade do autor, assim como para seu contexto e o uso de categorias que compõem o texto²⁰.

Nesse sentido podemos apontar para o historiador inglês Ian Wood,²¹ que, ao analisar a produção textual por ocasião do assentamento germânico na Gália no século V e.C., se preocupa em demonstrar justamente o caráter ativo que tais documentos tem em seu contexto político e

¹⁶ GEARY, Patrick. **O mito das nações**: a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2005.

¹⁷ Ideia de que os grupos étnicos que se estabeleceram no início da Idade Média correspondem as possessões das atuais nações europeias, legitimando então sua territorialidade e outorgando uma total posse sobre o espaço.

¹⁸ HALSALL, G. *Movers and Shakers: the barbarians and the fall of Rome*. **Early Medieval Europe**, Oxford, n.8, p. 131-145, 1999.

¹⁹ Aponta-se para a inserção de tal autor, de forma menos demarcada, na primeira vertente supracitada.

²⁰ GOETZ, H-W. *Historical Writing, Historical Thinking and Historical Consciousness in the Middle Age*. **Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, n.2, p.110-128, maio /2012.

²¹ WOOD, I. *Continuity or calamity: the constrains of literary models*. In: DRINKWATER, J.; ELTON, H. (Ed.). **Fifth Century Gaul: a crisis of identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

social- de regra, associados aos interesses eclesiásticos- que são também levados em consideração na produção do texto.

Sob essa mesma perspectiva podemos apontar para uma historiografia que, ao se debruçar sobre os estudos acerca dos grupos germânicos migratórios e sua inserção dentro do contexto romano-cristão, se preocupa em discutir a forma como a memória e identidade de tais grupos são construídas pelos autores eclesiásticos apontando para a maleabilidade dessa construção, a depender do contexto político- seja de rechaço ou ainda de legitimação de tais grupos- e sua presença nesse universo até então romano. Essa discussão também pode ser dividida em dois grupos: de um lado, podemos caracterizar os autores que problematizam apenas a documentação; de outro, aqueles que preocupam-se em expandir o campo da problematização, considerando também o papel da arqueologia dentro de tal debate.

Na primeira vertente podemos inserir o recém doutor Otávio Pinto que, com seu artigo *Átila, o rei dos ostrogodos: um estudo acerca de identidades imaginadas na Antiguidade Tardia*,²² de 2013, que problematiza a documentação escrita no século VI acerca dos grupos godos que estabeleceram-se dentro dos limites do Império Romano. Para tanto o autor problematiza a construção de uma identidade goda e hunna a partir das *Variae*, de Cassiodoro e da *Getica*, de Jordanes, considerando que a identidade ostrogótica vai ser pautada na contraposição à hunna, de acordo com a sua aproximação com os romanos e seu papel assumido dentro da lógica política romana.

Também nessa vertente podemos inserir o historiador Marcus Cruz, e seu artigo *Gregório de Tours e Jordanes: a construção da memória dos bárbaros no século V*,²³ de 2014, que problematiza a inserção da compreensão dos *bárbaros* no universo simbólico da *paideia*²⁴, utilizando a *Getica*, de Jordanes e a *Historia Francorum* de Grégorio de Tours, levando em consideração a aproximação entre ostrogodos e francos com os romanos em seus aspectos políticos.

Ainda que com um tom menos acadêmico podemos inserir o livro *O dia dos bárbaros: 9 de agosto de 378*,²⁵ de 2005 do autor Alessandro Barbero. Na obra, o autor problematiza a inserção dos godos na lógica de entendimento romano, apontando para a filtragem do olhar

²² PINTO, O. L. V. *Átila, rei dos ostrogodos? Um estudo acerca de identidades imaginárias na Antiguidade Tardia*. **História e Cultura**, Franca, v.2, n.3, p. 306-319, 2013.

²³ CRUZ, Marcus. *Gregório de Tours e Jordanes: a construção da memória dos bárbaros no VI século*. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 36, n. 1, p. 13-27, 2014.

²⁴ Aqui entendida como práticas educacionais e culturais que compunham o universo simbólico romano e, portanto, sua visão de mundo.

²⁵ BARBERO, Alessandro. **O dia dos bárbaros: 9 de agosto de 378**. São Paulo: Estação liberdade, 2010.

romano sobre tais grupos, discutindo a Batalha de Adrianópolis como decisiva para a forma como tais grupos seriam caracterizados posteriormente pelos autores que testemunhariam o assentamento germânico, como Amiano Marcelino, e o papel de tais grupos na desarticulação do império.

Na segunda vertente figura a recém doutora Verônica Silveira e seu artigo *Os godos na Aquitânia e a queda do império romano ocidental*,²⁶ de 2016, onde a autora problematiza a presença dos godos na Aquitânia²⁷ levando em consideração aspectos textuais e arqueológicos e apontando para o caráter político da representação de tais grupos nas documentações textuais como uma forma de reação à dominação instaurada.

Em tal sentido também podemos apontar para o autor Michael Kulikowski e seu citado livro *Guerras Góticas de Roma*,²⁸ de 2008, que, ao analisar as origens históricas dos godos, propõe a necessidade de utilizar a confratação da arqueologia e da documentação para entendermos os processos migratórios atentado-nos para informação de que os grupos godos, assim denominados, só existem em contraposição aos romanos, uma vez que são esses que relatam os outros em documentação. Em tal sentido a assimilação de tal identidade corresponde a tal contato.

Patrick Geary, ainda na obra supracitada, também utiliza dos aspectos arqueológicos para defender a maleabilidade das construções identitárias do período. Ao problematizar a etnoarqueologia²⁹ o autor aponta para o aspecto misto de tais grupos, levando em consideração a pretensa unidade na qual são enquadrados nas documentações romanas sob a nomenclatura de *bárbaros*.

É importante apontar que todos os autores apontados nesse segundo quadro, são críticos ao ramo historiográfico que aponta a etnogênese³⁰ como explicativa para os assentamentos dos grupos germânicos.

Em um plano mais específico apontamos a historiografia que trata das questões concernentes à *Britannia*, anglo-jutos e saxões, ou ainda sobre os reinos anglo-saxônicos

²⁶ SILVEIRA, Verônica da Costa. Os godos na Aquitânia e a queda do Império Romano Ocidental. **Brathair**, São Luis, v. 15, n. 2, p. 83-114, 2016.

²⁷ Região do atual sudoeste francês.

²⁸ KULIKOWSKI, Michael. **Guerras Góticas de Roma**. São Paulo: Madras, 2008.

²⁹ Aqui entendida como a vertente arqueológica que vai buscar vestígios que comprovem uma herança étnica em determinados territórios.

³⁰ Como já proposto anteriormente, ramo que entende a formação dos grupos étnicos a partir da *tradioskern*, ou seja, defendem que existiam grupos expressivos que mantinham uma tradição germânica ao redor dos quais outros grupos se coalizavam formando então um grupo étnico a partir de tal tradição que seria hierarquicamente representado pelo grupo responsável pela manutenção da tradição de forma imediata.

presentes a partir do assentamento de tais grupos. A esse aspecto precisamos apontar a grande dificuldade de encontrar bibliografia especializada em língua portuguesa, a gama de obras traduzidas, ou ainda de obras brasileiras³¹ que tratam do assunto são de número baixo, concentrando-se em maioria no período posterior ao assentamento na região e no processo de cristianização da região, como a mestra Nathália Agostinho Xavier em sua dissertação, em que a mesma enfoca no processo de cristianização da região de Kent.

Outro aspecto acerca da bibliografia especializada que se faz necessário destacar é que acerca dos grupos que adentraram à ilha nas chamadas migrações germânicas diz respeito à atenção dada aos grupos específicos que adentram a *Britannia*, assim, apontamos que ao tratar de tais grupos se faz necessário fazer o cruzamento de informações entre: a) historiografia que trata do período de desarticulação do Império Romano; b) historiografia antiquista que trata da *Britannia* romana³²; c) obras que tratam de forma mais ampla acerca das migrações; d) em menor medida, obras relacionadas aos estudos da questão arturiana³³. De tal forma, os apontamentos feitos acerca de tais grupos se conjugam no cruzamento de informações encontradas em tais obras.

O contato com tal bibliografia nos permite então analisar o movimento de migração e assentamento dos anglo-saxões à região da *Britannia* por meio de acordos também como uma forma de articulação entre romano-bretões e saxões em uma troca de interesses. Assim como também nos possibilita traçar um panorama que permita-nos a compreensão da representação de Gildas acerca de tal grupo saxão, levando em consideração seu contexto de produção e representatividade na região, tendo em conta que este é um monge cristão em contato com poderes saxões então estabelecidos, uma vez que este escreve no século VI.

³¹ Dificuldade, esta posta na maior parte das produções brasileiras acerca da questão inglesa, a esse respeito ver: MEDEIROS, E. O. S. "*Her mon maeg giet gesion hiora swaed*": Uma breve história sobre os estudos anglo-saxônicos. *Brathair*, São Luis, v. 12, n. 2, p. 31-44, 2012.

³² Como por exemplo HINGLEY, Richard. **O imperialismo romano**: Novas perspectivas a partir da Bretanha. São Paulo: Annablume, 2010. Em um plano internacional, ou ainda GARRAFFONI, R. S. Bretanha romana: repensando os discursos arqueológicos. In: FUNARI, P. P. A.; SILVA, G. J.; MARTINS, A. L. (Org.). **História Antiga**: contribuições brasileiras. São Paulo: Annablume, 2008, p.101-113.; em perspectiva nacional.

³³ A despeito da temática arturiana, tem-se um vasto material, que nos interessa a medida que considera a obra de Gildas como um dos indícios da presença de Arthur, mas também a medida que considera Arthur um dos guerreiros que enfrenta o estabelecimento saxão na região: nesse sentido, a possível historicidade de Arthur nos interessa uma vez que nos possibilita uma apreensão contextual da *Britannia* do século V. A exemplo: LOOMIS, Roger Sherman. **The Development of Arthurian Romance**. New Yor: Dover, 2000.; MARKALE, Jean. **Le Roi Arthur et la Société Celtique**. Paris: Payot, 1996.; ZIERER, Adriana. Arthut: de guerreiro a rei-cristão nas fontes medievais Latinas e célticas. *Brathair*, v.2, n. 1, p. 40-54, 2010.; GIDLOW, C. **O reinado de Arthur**: da história à lenda. São Paulo: Madras, 2005.

Assim, dentre as tendências historiográficas acima citadas, podemos identificar a prevalência de duas destas vertentes, com as quais dialogamos mais diretamente. Por um lado uma historiografia mais ampla, propondo o tema das grandes migrações ao ocidente romano e os consequentes assentamentos dos grupos germânicos que viriam a formar os reinos romano-germânicos. Nessa linha ainda podemos identificar uma dupla colocação entre os autores, aqueles que lemos de forma mais clássica e que propõem o declínio do Império causado pelos germânicos; e aqueles que se detém na formação dos reinos romano-germânicos atentando-se para multiplicidade e especificidade dos grupos e dos processos que culminaram em seu assentamento.

Em um segundo plano atentamo-nos para a bibliografia específica acerca da *Britannia*, contando com materiais que correspondem a três escopos textuais: a temática arturiana, os estudos tardo-antiquistas acerca da região em dominação romana e em menor medida obras que dissertam acerca das dinâmicas estabelecidas nos reinos anglo-saxões.

Partindo de tal premissa, apontamos para o caráter específico de cada uma das tipologias pontuadas como relacionais à bibliografia específica sobre a *Britannia*. Acerca da temática arturiana, interessa-nos a parte de tal vertente que trata da “existência” de Artur como personagem histórico, sendo este um *dux bellorum* bretão, que teria combatido os saxões durante o processo migratório do século IV, nesse sentido interessa-nos a interação proposta entre os dois grupos. Acerca dos estudos tardo-antiquistas, podemos apontar dois eixos que nos auxiliam no estudo dos grupos anglo-saxões: o primeiro voltado para a problematização acerca da ocupação e administração romana da região, e portanto, sua consequente retirada mediante as incursões germânicas na parte continental do império, e um segundo eixo que detém-se aos estudos sobre os grupos celtas da região, sob dominação romana e posteriormente sob dominação anglo-saxã. O terceiro componente bibliográfico específico sobre a *Britannia* trata exatamente da acepção e progressão dos grupos anglo-saxões já instalados, possibilitando assim o entendimento das dinâmicas políticas instauradas pelos grupos migracionais quando de sua acomodação na região, portanto o entendimento das dinâmicas político-sociais que culminam na sociedade e obra que embasam nosso estudo.

Assim, em tal capítulo detivemo-nos na colocação da bibliografia que nos auxilia e nos permite tecer o estudo ao qual nos propomos, ou seja, aquela que nos permite aferir acerca da representação dos saxões mediante o olhar de Gildas, enquanto representante da Igreja na região da *Britannia*; nesse sentido, percebemos a necessidade de trabalharmos com os apresentados eixos historiográficos: migrações, grupos germânicos e especificamente sobre a *Britannia*, de

modo a que possamos inserir-nos de forma consistente no debate e possibilitando-nos a síntese de uma pesquisa que se apresenta.

Capítulo três: Gildas e a *Britannia* de seu tempo

No século V, a região da *Britannia* era habitada por escotos, pictos (nações do norte) e bretões, tendo esses últimos sido superficialmente romanizados. Os últimos teriam se convertido ao cristianismo e às práticas culturais e políticas romanas, onde inclusive a agricultura de latifúndio teria florescido, e a absorção do estilo de vida romano teria se aprofundado. No entanto, é necessário ressaltar que os romanos só adentraram até certo ponto da ilha, não tendo tido contato, além do militar, com os escotos e pictos que gradualmente por meio de suas incursões, incomodavam o poder romano na região.

Aos poucos o poder romano na região foi se desarticulando, uma vez que, as múltiplas migrações germânicas e incursões militares que atingiam a *pars occidentalis* só se multiplicavam. Sendo assim o que resta na *Britannia* é uma aristocracia bretã romanizada em combate contra as incursões das nações do norte. É nesse contexto em que na região incorre a migração de anglos, jutos e saxões. Especula-se que durante os séculos V e VI, possivelmente uma gama de sublevações e guerras tenham ocorrido na região, contando inclusive com uma aristocracia bretã que faz resistência às incursões e com uma migração para Península Armórica de uma parte dessa população³⁴.

A situação da *Britannia*, no entanto diferia da do resto do Império Romano do Ocidente, e isso deve ser levado em consideração. Sendo uma das últimas regiões a se tornar possessão romana, apenas em meados do século I, a *Britannia* correspondia a uma região assolada constantemente por “ataques bárbaros” advindos das chamadas “nações do norte”³⁵ com quem os bretões compartilhavam o território.

A historiografia aponta para a dificuldade romana em fazer a manutenção de tal território sob seu domínio e as diversas divisões feitas para o seu governo³⁶ indicam as frequentes incursões de grupos belicosos à região³⁷, assim como o assentamento gradual de grupos saxônicos desde o terceiro século.

A sucessiva retirada do poder romano da região, em função das graduais transformações no ocidente romano-cristão nos séculos IV e V, marcadas por mudanças sociais, políticas,

³⁴ HAYWOOD, J. A terra virada para o mar HAYWOOD, J. A terra virada para o mar. In: _____. **Os celtas: Da idade do bronze aos nossos dias**. Coimbra: Edições 70, 2009, p. 169-182.

³⁵ Escotos e pictos, chamados assim por Gildas.

³⁶ Aos poucos o governo da *Britannia* é composto por pequenos potentados de reis, tidos como romanos.

³⁷ HANNING, Robert. **The Vision of History in Early Britain: from Gildas to Geoffrey of Monmouth**. Nova York: Columbia University, 1966. p. 73 ; GRIGG, Erik. Gildas. [s.l]: [s.n], [20-- ?]. p.7; CASWELL, Bryan. ‘Of the Ruin and Conquest of Britain’: The Anglo Saxon Transformation of the British Isles. **The Gettysburg Historical Journal**, [s.l], v. 14, p. 43-56, 2015. p. 47.

institucionais e culturais, possibilitou a instauração de uma realidade complexa na região³⁸ e sua então, “incapacidade” de reação mediante as incursões saxônicas mais frequentes no século V.

Gildas, nesse meio, representa uma aristocracia bretã-romanizada³⁹ e por conseguinte, cristã. A princípio esta é a única informação pontual sobre a qual a historiografia que trata do autor e sua obra concordam.

De forma mais ampla, a historiografia concorda que Gildas seja um autor que escreve no século VI. No entanto, o historiador Higham em seu livro *A conquista inglesa: Gildas e a Britannia do século V*,⁴⁰ de 1994, propõe que o monge não teria escrito em meados do século VI, como a maior parte da historiografia propõe⁴¹, uma vez que este considera que a Britannia descrita por Gildas seria muito mais romana do que bretã, apontando para a não convergência com os estudos acerca do século VI na região, para além disso o historiador também aponta para a narrativa só tratar até a batalha do monte Badon, como uma vitória bretã, para o mesmo isso não significa uma última grande vitória com relação aos saxões, mas sim, que estes venceram todas as batalhas que se seguiram. Portanto, o autor localiza a obra como datando de 480 e.c e não de 515 ou 540 e.c como os demais especialistas.⁴²

Em consonância com Higham, em artigo recente, o historiador Eric Grigg⁴³, aponta que ao conseguirmos propor uma possível data mais exata para chegada dos saxões⁴⁴ podemos então destacar um período mais pontual com relação à escrita de Gildas, por meio de comparações o autor chega à data da chegada saxônica da ilha e a consequente batalha do monte Badon como em 444, a partir disso conjectura que Gildas teria escrito provavelmente na última década do século V. O autor aponta também que a tradição escrita de Gildas possibilita que acreditemos

³⁸ Complexidade essa que perpassava desde os aspectos religiosos, uma vez que o cristianismo se tornou pouco expressivo na região, aos aspectos políticos, contando com os reis nas subdivisões, aqueles que Gildas nomeará como tiranos na obra.

³⁹ Perceptível principalmente por sua escrita, uma vez que este tem o total domínio das ferramentas que apontavam para o “discurso de dominação” tipicamente da elite de educação clássica. POTTER, D. *Literary Texts*

⁴⁰ Vide: HIGHAM, N. J. **The English Conquest: Gildas and Britain in the Fifth Century**. Manchester: Manchester University Press, 1994.

⁴¹ A esse respeito verificar HAYWOOD, J. *A terra virada para o mar* HAYWOOD, J. *A terra virada para o mar*. In: _____. **Os celtas: Da idade do bronze aos nossos dias**. Coimbra: Edições 70, 2009, p. 169-182. ; COSTA, Ricardo da.; OLIVEIRA, B. *Visões do apocalipse anglo-saxão na “Destrução Britânica em Elegia”*(c. 540-546), de São Gildas. *Brathair*, São Luís, n.2, p.19-41, 2001. ;GIDLOW, C. *O reinado de Arthur: da história à lenda*. São Paulo: Madras, 2005.

⁴² HIGHAM, N. J. **The English Conquest: Gildas and Britain in the Fifth Century**. Manchester: Manchester University Press, 1994. p. 78-83.

⁴³ GRIGG, Erik. *Gildas*. [s.l]: [s.n], [20-- ?].

⁴⁴ A referida por Gildas como mais expressiva, e não a que se inicia ainda no terceiro século.

que os resquícios da educação romana na ilha⁴⁵ duraram mais do que o conjecturado anteriormente, mas que tratam-se de datas aproximadas.

Tal argumentação se faz importante para entendermos o contexto de Gildas. A historiografia concorda que o monge tenha nascido na ilha, mas mais uma vez discorda quanto a região de seu nascimento e ainda com relação à localidade de sua própria escrita. Mais uma vez aponta-se que existe uma historiografia mais ampla que concorda quanto à escrita da documentação, quando dá passagem do monge no monastério de Rhuys⁴⁶, depois de suas peregrinações pela Irlanda e por toda a ilha da *Britannia*, onde este teria ido a pedido dos bretões que para tal localidade migraram⁴⁷ e onde por ser exaltado, já após sua também peregrinação à Roma teria fundado um mosteiro⁴⁸. E uma outra vertente que aponta para a escrita de Gildas como tido sido feita na Ilha, na região sudoeste⁴⁹, ou ainda na região norte⁵⁰, Grigg no entanto propõe a improbabilidade da vivência do monge em um dos reinos que ele difama em seus escritos, o autor acredita que a mais provável região em que ele tenha escrito seja na região sudoeste apontando para esta ser a região que não é tratada de forma pejorativa pelo monge.

Em tal sentido aponta-se que Gildas, romano-bretão e cristão, quando da data de sua escrita era um monge em contato com as novas realidades propostas a partir da chegada e assentamento dos anglos, jutos e saxões, quando a *Britannia* já sem o domínio institucional romano encontrava-se dividida, já, em pequenos reinos que teriam retornado ao barbarismo céltico⁵¹, dos quais apenas a parte sul ainda se manteria romanizada. Logo, apesar do exagero e juízo de valor proposto pelo uso do termo barbarismo céltico, empregado até em sentido apologético ao documento, acreditamos se tratar de uma região onde o cristianismo estava perdendo força após a saída romana⁵².

⁴⁵ Ao menos no que toca a parte mais ao sul da ilha.

⁴⁶ Na atual Bretanha francesa.

⁴⁷ HAYWOOD, J. A terra virada para o mar. In: _____. **Os celtas: Da idade do bronze aos nossos dias**. Coimbra: Edições 70, 2009, p. 169-182. p. 175-176.;

⁴⁸ COSTA, Ricardo da.; OLIVEIRA, B. Visões do apocalipse anglo-saxão na “Destruição Britânica em Elegia”(c. 540-546), de São Gildas. *Brathair*, São Luís, n.2, p.19-41, 2001; GIDLOW, C. O reinado de Arthur: da história à lenda. São Paulo: Madras, 2005. p. 29-43.

⁴⁹ Dorset, ou seja, sudoeste da Ilha, para o historiador K. R. Dark, com a qual concorda Higham

⁵⁰ THOMPSON, E. A. Saint Germanus of Auxerre and the End of Roman Britain. *Studies in celtic history*: Woodbridge,[s.l.], v. 6. p. 1984.

⁵¹ Tal composição, propõe que após a retirada romana a região da *Britannia* as populações residentes teriam deixado os costumes romanos, voltando as práticas sócio-político-religiosas pagãs dos grupos célticos. Vide: COSTA, Ricardo da.; OLIVEIRA, B. Visões do apocalipse anglo-saxão na “Destruição Britânica em Elegia”(c. 540-546), de São Gildas. **Brathair**, São Luís, n.2, p.19-41, 2001. p. 33.

⁵² HANNING, op. cit., p. 47-50.

Tal região⁵³ correspondia muito mais a uma região administrativa de expansão, do que uma região romanizada por si. Para além da distância física com relação ao centro romano, aponta-se também para o carácter fronteiriço da *Britannia*⁵⁴. No caso da região é necessário destacar, ainda, o frequente contato com grupos célticos não apenas dentro da ilha, com os escotos e pictos, que incursavam com frequência sobre a região de domínio romano, mas também com os grupos irlandeses próximos geograficamente, logo, o cristianismo e o paganismo não estão distantes espacialmente um do outro quando tratamos de tal região.⁵⁵

Ao questionar a ideia romanização podemos compreender melhor como a educação romana é relevante para a construção da obra de Gildas, uma vez que estudos mais recentes⁵⁶ acerca de tal processo nos permitem aferir que o império romano corresponde mais uma série de grupos locais unidos por forças que direcionavam uma integração. Assim, leva-se em consideração a heterogeneidade regional, mas possibilita-se por meio da educação, das elites, uma correspondência à ordem imperial perpetua.

Assim, observa-se que a integração de elites e não elites em tal proposição romana é díspar, ou quase díspar, mesmo as elites propõem uma variável resposta local ao estabelecimento do poder. Neste caso, a organização da própria *Britannia* em pequenos reinos, a medida que se integravam também por meio de contatos esparsos com uma identidade mais ampla romana⁵⁷, como a integração ao exército, ou ainda a adoção do latim como língua⁵⁸, a própria construção do muro de Adriano, no caso da *Britannia*, corresponderia a essa correspondência com a cultura romana⁵⁹.

Tal região, então, encontra-se em contato com mais um grupo, os saxões, a partir do terceiro século.

Com relação aos demais grupos germânicos que adentram o *limes* romano, podemos destacar algumas características que nos possibilitam compreender melhor a dinâmica que se colocou a partir do século V na ilha, assim como possíveis atributos que teriam colaborado para a construção da representação de tais grupos para o autor.

⁵³ Como uma das últimas possessões do Império Romano.

⁵⁴ WOOD, I. Introduction: Drawing frontiers. In: _____; POHL, W.; REIMITZ, H. (Org.). **The transformation of frontiers: from Late Antiquity to the Carolingians**. Leiden; Boston: Brill, 2001, p.1-4.

⁵⁵ Embora, não acreditemos que em outras partes do império a realidade fosse diferente, apesar disso o carácter fronteiriço nos atenta para tal questão.

⁵⁶ MENDES, N. Romanização: cultura imperial. **Phoinix**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 307-324, 2009. p. ;HINGLEY, Richard. **O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha**. São Paulo: 2010. p. 318-324.

⁵⁷ HINGLEY, R., op. cit., p. 312-315.

⁵⁸ Correspondente nesse caso também à adoção de uma educação clássica.

⁵⁹ HINGLEY, R., op. cit., p.317-323.

Sendo assim, podemos apontar para o parentesco tribal⁶⁰, proposto por linhagens hereditárias que compunham um certo prestígio social, organizado a partir de clãs por aliança ou familiares. Para os Anglo-saxões, tais clãs eram de cunho familiar, baseados em consanguinidade masculina, e nos quais os casamentos eram realizados de forma exogâmica⁶¹. Praticavam agricultura em terras de planícies úmidas e contavam com a criação de animais, além de terem um mínimo domínio sobre a metalurgia⁶².

Grupo, supostamente, maior, os saxões não foram os únicos a adentrar a ilha, a estes se somaram os anglos e jutos⁶³ como no supracitado. Assim, propõe-se que os anglos teriam se estabelecido na região próxima ao Tâmis⁶⁴, os saxões teriam dominado a maior parte do sul e sudoeste da ilha⁶⁵, enquanto que os jutos teriam dominado a região de Kent e a ilha de Wight ao sul da ilha⁶⁶.

Apointa-se ainda, que tais grupos começaram a adentrar na região romana como *foederati*, ou seja ingressavam na região a pedido dos locais pontuados para solução de questões, em grande maioria bélicas, de combate aos escotos e pictos principalmente, assim, a entrada de tais grupos não pode ser caracterizada apenas de forma violenta, ou como invasões, em realidade a historiografia aponta para uma coexistência pacífica na maior parte do tempo.⁶⁷ O que por mais uma vez nos atenta para intencionalidade do autor mediante a seu contexto ao frisar os grupos anglo-saxões como *bárbaros*.

Em suma, a historiografia nos aponta que a *Britannia* corresponde a um território de possessão romana, constantemente assolado por incursões bárbaras, cuja organização difere em relação às demais províncias do império. Nesta província, a preocupação romana institucional detém-se sobre a educação das elites em função de tal organização política e submissão ao império.

Assim, nos séculos V e VI, temos a retirada romana da administração da região, propondo então que Gildas, autor da obra sobre a qual debruçamos nossa análise, encontra-se

⁶⁰ Concordando com a historiografia mais ampla sobre o assunto, levando em consideração a nomenclatura apenas como uso, mas sabendo da problematização que incorre o uso desta.

⁶¹ CUVILLIER, Jean-Pierre. “A família Germânica: Povo, Clã, Casa”. In: BURGUIÈRE, André, KLAPISCH-ZUBER, Christiane, SEGALÉN, Martine e ZONABEND, Françoise (Dir.). História da Família 2. Tempos Medievais: Ocidente, Oriente. Lisboa: Terramar, 1997, p. 23-41.

⁶² MUSSET, Luciano. Las Invasiones. Las Oleadas Germánicas. Barcelona: Editorial Labor S. A., 1967. p. 37-52.

⁶³ Grupos de proximidade linguística, no entanto.

⁶⁴ PREVITÉ-ORTON, C. W. Historia del Mundo en la Edad Media. Desde el Bajo Imperio Romano Hasta la Disolucion del Imperio Carolingeo. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, S. A., 1967. p.256 ; GIDLOW, op. cit., p. 76-81 ; HAYWOOD, op. cit. p. 176.,

⁶⁵ MUSSET, op. cit., p.59-61.; GIDLOW, op. cit., p.39-43. , HAYWOOD, op. cit., p. 182.

⁶⁶ MUSSET, op. cit., p.73.; PREVITE ORTON, op. cit. p. ; HAYWOOD, op. cit., p. 175-176.

⁶⁷ HANSING, op. cit., p. 43; GRIGG, op. cit., p. 9.; GIDLOW, op. cit., p. 55-60.

em uma região de administração anglo-juto-saxônica, cuja educação e parâmetros já não correspondem à dinâmica romana da qual ele mesmo é herdeiro, sendo romano-bretão e cristão.

Capítulo Quatro: A crônica, a representação e o poder simbólico

Ao pensarmos a forma como o poder político se imprime em impressões textuais, precisamos localizar a forma como um documento como a crônica funciona no período medieval. Levando em consideração o contexto de extensas mudanças que permeia os séculos IV, V e VI, da era cristã, é necessário pontuar que os homens que escrevem em tal período encontram-se inseridos em um mundo no qual analisavam o que havia acontecido e o que presenciavam a partir de ideias pré-postas, de égide cristã.

Assim, observamos que a história para esses homens, longe de ser científica, é antes de tudo uma forma de localizar-se no mundo¹, mais que isso, é a forma de localizar-se no mundo cristão² uma vez que estes homens entendem-se no mundo a partir da criação e no caminho para o julgamento final³, sem que isso necessariamente implique que estes se viam em um tempo mediano.⁴

Em tal sentido as crônicas, assim como os demais documentos do período, buscam desvelar o sentido da existência momentânea, recordando um passado ligado aos acontecimentos bíblicos. A esse respeito apontamos a forma como a crônica constitui uma forma de o homem medieval se imprimir na realidade cristã.⁵ Sendo assim, a crônica imprime os acontecimentos cristãos, e para além disso os interesses e perspectivas cristãos, sem que tal processo fosse para os homens medievais um problema passível de crítica uma vez que buscavam esse apoio no que viam como tradição.⁶ Uma vez, que estes viam o mundo como uma resposta aos desígnios de Deus, ou seja, sua própria existência correspondia a uma continuação da história bíblica.

Assim, podemos apontar em concordância com François Hartog, a existência de uma concepção de temporalidade própria para o homem medieval, esta circunscreve-se no plano da linearidade que se formava a partir de estruturas particulares de entendimento mundano.⁷

¹ BLOCH, M. **Apologia da História**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 24.

² NATAL VILLAZALA., op. cit., p. 47-52.

³ GEARY, P. **O Mito...**op. cit., p. 82-94.

⁴ No sentido de mediocridade. GEARY, P. **O Mito...**op. cit., p. 332-337.

⁵ MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Bauru: Edusc, 2004. p. 192.

⁶ ECO, Umberto. **Idade Média**: Bárbaros, cristãos e muçulmanos. Alfragide: Dom Quixote, 2010. p. 84-86.

⁷ Entendidos como uma expressão da experiência temporal, regimes não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes organizam o passado como uma sequência de estruturas. Trata-se de um enquadramento acadêmico da experiência do tempo, que, em contrapartida, conforma nossos modos de discorrer acerca de e de vivenciar nosso próprio tempo. Abre a possibilidade de e também circunscreve um espaço para obrar e pensar. Dota de um ritmo a marca do tempo, e representa, como se o fosse, uma “ordem” do tempo, à qual pode-se subscrever ou, ao contrário, e o que ocorre na maioria das vezes, tentar evadir-se, buscando elaborar alguma alternativa. HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 121

O passado então, para os cronistas, pode ser observado por meio de seus desígnios contemporâneos, pois ambos correspondem a uma mesma concepção. Aponta-se então, que para os homens de tal período que eram expoentes de um processo de diversas mudanças em todos os âmbitos transcrevessem em suas obras os eventos de forma marcada pelos acontecimentos diretos, baseando-se na cronologia o cronista dota de significado o que escreve produzindo sentido para quem o lê, ou escuta o escrito.

Nesse sentido, atentamos para a intencionalidade de Gildas, mesmo com a correspondência a um *topos* literário marcado pela cronologia e pelo providencialismo divino⁸, uma vez que tais indivíduos encontravam-se dotados de orientações políticas, religiosas e sociais. Assim, apesar da crônica medieval aparentemente preocupar-se com os aspectos cronológicos e o desencadeamento de fatos, ela também insere-se em um plano político de disputa de poderes, sendo necessário atentarmos para as ideias, dotadas de valor e construtoras de sentidos, transferidas por meio de tal documento.⁹

Assim, em tal pesquisa, atentamos à análise da obra DCB de Gildas, escrita entre os séculos V e VI, principalmente no que toca a representação dos grupos saxões que adentram as fronteiras a pedido do rei bretão *Vortigern*. Interessa-nos, então, destacar a construção simbólica proposta pela representação dos grupos saxões tidos como bárbaros e a realidade em contraposição posta de civilização apresentada por um ideal romano e cristão, levando em consideração que no período em que o autor escreve a região já não se encontrava totalmente cristianizada, sendo ele mesmo expoente de uma aristocracia cristã com poder em decadência.

Assim, propõe-se a associação da teoria bourdiesiana ao conceito de representação de Chartier, entendendo que o discurso tem uma funcionalidade política permitindo-nos aferir que este é resultado de aspirações políticas e intencionalidades do autor, pensando as representações presentes no discurso como uma ferramenta de transmissão de ideias.

De tal modo, a crônica corresponde a um gênero literário que compõe-se por diversos *topoi*, dotadas de enredo, tempo, espaço e personagens.¹⁰ Propondo então, de acordo com Bourdieu que o emissor do discurso propõe tal fala em nome de um grupo, por este mesmo ser

⁸MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. São Paulo: EDUSC, 2004, p.

⁹ Em tal sentido, a representação dos saxões na documentação de Gildas, quando de sua migração a *Britannia*, corresponde a caracteres que os classificam de forma pejorativa, associados à barbárie. Que devem ser levados em consideração com relação ao contexto de produção de tal obra, uma vez que Gildas escreve em uma região dominada por saxões pagãos.

¹⁰ GUIMARÃES, Marcella Lopes. Crônica de um gênero histórico. **Diálogos Mediterrâneos**. V. 1, n. 2, p. 61-79, maio/2012.

compositor de tal grupo, pensando que este detém um poder simbólico que o possibilita traçar tal discurso baseado em um capital simbólico, a saber, no caso de Gildas, a Igreja Católica.

Tendo isto posto, a análise documental pode ser feita, a partir de então, tendo como enfoque o uso político da representação na obra de Gildas. Sua intenção ao escrever a DBC corresponde ao que ele chama de obrigação a relatar, com pessimismo, a situação da *Britannia* a partir dos acontecimentos bíblicos e portanto localizando-os no tempo cristão, mas preocupando-se principalmente na “destruição de tudo que é bom”, por aqueles que então dominavam politicamente a ilha e não correspondiam mais a um ideal romano.

Sempre que em minha epístola eu escrever em minha maneira humilde, mas bem-intencionada, mais por lamentação que por exposição, que ninguém suponha que seja para o contentamento de outros, ou que eu tolamente me considero melhor que eles. Oh, tristeza! O motivo de minha complacência é a destruição geral de tudo aquilo que é bom e o crescimento geral do mal por toda a terra; mas eu simpatizaria com o meu país em sua desgraça e me rejubilaria vê-lo reviver ao fim, pois esta é minha presente proposta: relatar os feitos de uma raça indolente e preguiçosa, mais que as façanhas daqueles que foram valentes nos campos.¹¹

O fragmento apresentado é de grande importância para a sequência e desencadeamento de acontecimentos narrados, pois este trecho nos permite aferir o posicionamento de Gildas com relação à desarticulação do Império Romano Ocidental¹², uma vez que este encontra-se em uma região cujo o poder romano se retirou anteriormente aos acontecimentos de 476 e. c em Roma, e cujas unidades administrativas já não correspondiam a tal modelo. Em realidade, no período que Gildas escreve já podemos encontrar a formação de reinos romano-germânicos em articulação e portanto o fim certo do Império. Ademais esse também corresponde ao trecho precursor que nos possibilita perceber a insatisfação de Gildas com a situação local da *Britannia*, a saber a divisão em pequenos reinos não cristãos.

¹¹ DBC I. I. GILDAS. **A destruição britânica e sua conquista.** Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 109-207. p. 117. A saber: “*In hac episola quicquid deflendo potius quam declamando, uili licet stilo, tamen benigno, fuero prosecutus, ne quis me affectu cunctos spernentis omnibusue melioris, quippe wui commune bonorum dispendium malorumque cumulum lacrimosis querelis defleam, sed condolentis patriae incommoditatibus miseriisque eius ac remediis condelectantis edicturum putet, quia non tam fortissimorum militum enuntiare trucs belli pericul mihi statutum est quam desidiosorum, silui, fateor, cum immenso cordis dolore, ut mihi renum scrutator testis est dominus, spatio bilustri temporis uel eo amplius praetereuntis, imperitia sic ut et nunc una cum uilibus me meritis inhihentibus ne qualemcumque admonitiunculam scriberem.*” Vide: VORTIGERN STUDIES- British history 400-600. <<http://www.vortigernstudies.org.uk/arthist/vortigernquotesgil.htm> > Acesso em 25 de janeiro de 2018.

¹² Uma vez que este tem contato com um império que já não existe no Ocidente, se levarmos em consideração o envio das insígnias imperiais após a tomada de poder no Ocidente de Odoacro.

Dessa forma, quando da chegada mais expressiva dos saxões na ilha, a mesma já encontrava-se em divisões administrativas convertidas em pequenos reinos bretões em constante combate com os grupos das “nações do norte” e que mesmo ainda correspondendo a certos desígnios romanos, como a manutenção das *uillae* e do próprio muro de Adriano¹³, assim como as roupas da aristocracia, ou ainda sua educação¹⁴, já não correspondiam a um dos caracteres que era extremamente valoroso à Igreja, ou seja, ao cristianismo.¹⁵ Assim, podemos apontar que não apenas as migrações dos grupos anglo-juto-saxões compunham o cenário de tensão da ilha, mas diversas tensões endógenas encontravam-se em curso no período.

Tal valoração do período romano na região pode ser percebido ainda no seguinte trecho:

A Bretanha tinha regras e vigilantes; por que tu dispões os teus para falar inutilmente? Ela tinha tantos, eu digo, não muitos, talvez, mas certamente não muito poucos; mas, por eles serem levados e pressionados por carga tão pesada, não tinham tempo que lhes permitisse tomar fôlego. Meus sentidos, portanto, como se sentissem uma porção de meus débitos e obrigações, preocuparam eles mesmos com tantas objeções, e com outras ainda mais fortes. Eles lutaram, como eu disse, por tempo não curto, em estreitas temerosas, quando eu li: “há um tempo para falar, e outro para manter o silêncio.”¹⁶

Assim, por meio de retórica discursiva, Gildas atribui aos romanos, e a seu domínio na região, uma responsabilidade de protecionismo e paternalismo com relação a ilha devido à romanização de cunho administrativo/educacional já pontuada, para além disso ainda apoiando-se nos textos bíblicos¹⁷ exorta a situação a se seguir à saída dos romanos como um castigo.

Adentrando em tal sentido podemos acrescentar ainda que o providencialismo e a responsabilidade de reportar os fatos ao metafísico, ou seja à providência divina, se faz presente no seguinte trecho.

¹³ HINGLEY, op. cit., p. 77-79.

¹⁴ COSTA, op. cit., p. 33-34.

¹⁵ COSTA, op. cit., p. 42-43.

¹⁶ DBC I.1. GILDAS. A destruição britânica e sua conquista. Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 117-207. p.120.

“Habet britanni rectores, habet speculatores. quid tu nugando mutire disponis? habet, inquam, habet, si non ultra, non citra numerum. sed quia inclinati tanto pondere sunt pressi, idcirco spatium respirandi non habent. praeoccupabant igitur se multo talibus obiectionibus uel multo his mordacioribus ueluti condebiteores sensus mei. hi non paruo, ut dixi, tempore, cum legerim ‘tempus esse loquendi et tacendi’, et in quadam ac si angusta timoris porticu luctabantur.” VORTIGERN STUDIES- British history 400-600. <<http://www.vortigernstudies.org.uk/arthist/vortigernquotesgil.htm> > Acesso em 25 de janeiro de 2018.

¹⁷ Já que este cita Ec. 3. 7

Portanto, se Deus quiser, eu vou esforçar-me para dizer algumas palavras sobre a situação da Bretanha, sua desobediência e sujeição, sua rebelião, segunda sujeição e terrível escravidão - sua religião, perseguição, santos mártires, heresias de diferentes reis - seus tiranos, suas duas hostis e devastadas nações - sua primeira devastação, sua defesa, sua segunda devastação e segunda vingança - seu último inimigo, de longe mais cruel que o primeiro - a subversão de suas cidades e do resto que escapou; e, finalmente, da paz, a qual, pela vontade de Deus, foi garantida em nosso tempo.¹⁸

Esta, apesar de não ser o enfoque da pesquisa, é uma informação, então, relevante para a produção de sentido atribuída ao que nos interessa, essencialmente, na obra, ou seja, a representação dos grupos bárbaros. Uma vez que nos pontua a intenção de Gildas de relatar os acontecimentos da *Britannia*, atribuindo juízo de valor a sua situação, no passo em que este pontua acerca da devastação na ilha.

Em seguida, Gildas detém-se sobre a descrição geográfica da ilha, passando aos eventos que levaram a dominação romana¹⁹, onde este imprime seus juízos de valor acerca das atitudes romanas, em tal sentido propomos a representação da dominação pautando-a nos caracteres que compõe o ser *civilizado*, que se contrapõe ao de *bárbaro*, atribuído aos saxões.

Destarte, os romanos são civilizados desde sua primeira dominação sobre a região, uma vez que “o civilizado é quem sabe reconhecer plenamente a humanidade dos outros. Portanto, para atribuir tal qualitativo, é necessário transpor duas etapas: no decorrer da primeira, descobre-se que os outros têm modos de vida diferentes dos nossos; e, durante a segunda etapa, aceita-se que eles sejam portadores de uma humanidade semelhante a nossa”.²⁰ Assim, tal concepção, ao analisarmos a documentação, converge no sentido de que Gildas se reconhece enquanto romano, logo, reconhece a humanidade presente nas atitudes romanas, quando por

¹⁸ DBC I.2 em: GILDAS. **A destruição britânica e sua conquista**. Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 109-207. p. 121. A saber: “*Sed ante promissum deo uolente pauca de situ, de contumacia, de subiectione, de rebellione, item de subiectione ac diro famulatu, de religione, de persecutione, de sanctis martyribus, de diuersis haeresibus, de tyrannis, de duabus gentibus uastatricibus, de defensione itemque uastatione, de secunda ulitone tertiaque uastatione, de fame, de epistolis ad agitium, de uictoria, de sceleribus, de nuntiatibus subito hostibus, de famosa peste, de consilio, de saeuiore multo primis hoste, de urbium subuersione, de reliquis, de postrema patriae uictoria, quae temporibus nostris dei nutu donata est, dicere conamur.*” Vide: VORTIGERN STUDIES- British history 400-600. <<http://www.vortigernstudies.org.uk/arthist/vortigernquotesgil.htm> > Acesso em 25 de janeiro de 2018.

¹⁹ Datada de meados do século I.

²⁰ TODOROV, T. Barbárie e civilização. In: _____. **O medo dos bárbaros: Para além do choque das civilizações**. Petrópolis: Vozes, 2010, p.23-65. p. 33.

exemplo “Portanto, os romanos mataram muitos rebeldes, reservando outros para serem escravos, pois a terra não pode ser inteiramente reduzida à desolação.”²¹

Tendo seu surgimento no, que se entende por mundo grego antigo, o termo bárbaro a princípio buscava designar os estrangeiros, em oposição aos gregos, ou seja, aqueles que não dominavam a língua comum grega. Aos poucos, ainda no mundo grego, foi atribuído um outro sentido ao termo, e a partir disso a duplicidade de sentido entre bárbaros, como estrangeiros, e gregos deu espaço à duplicidade de bárbaros, no sentido de selvageria, e civilizados.²²

Como dito barbárie como selvageria é o ponto central que buscamos em tal pesquisa, uma vez que essa selvageria corresponde à certas características, como: a associação do homem aos seus instintos animais, assim como a analogia direta a animais; a brutalidade excessiva em combate e o não respeito ao outro; o não pudor; ou ainda a não organização da sociedade baseada em instituto legal; denota-se que ser civilizado seria divergir de tal padrão.

No mundo romano, com o surgimento e aceitação do cristianismo, uma característica vai ser acrescentada ao panorama supracitado de selvageria, o paganismo, em oposição ao cristianismo, vai ganhar espaço como barbárie a medida que o mundo romano se “uniformiza” sob a égide cristã.²³

Em tal sentido, chegamos no ponto que nos interessa quanto às questões propostas acerca do uso político da obra de Gildas, uma vez que a caracterização dos saxões propõe uma

²¹ DBC, II.7 em: GILDAS. **A destruição britânica e sua conquista**. Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 109-207. p. 124. A saber: “*Iaque multis romani perfidorum caesis, nonnullis ad seruitutem, ne terra penitus in solitudinem redigeretur, mancipalibus reseruat*” Vide: VORTIGERN STUDIES- British history 400-600. <<http://www.vortigernstudies.org.uk/arthist/vortigernquotesgil.htm> > Acesso em 25 de janeiro de 2018.

²² TODOROV, T. Barbárie e civilização. In:_____. O medo dos bárbaros: Para além do choque das civilizações. Petrópolis: Vozes, 2010, p.23-65. p. 24. A esse aspecto também aponta-se artigo de Ronaldo Amaral, já citado, no qual o autor nos aponta para uma crítica da civilização e da barbárie atentando-se para as evoluções semânticas de tais termos e suas implicações no social, portanto sua representação também se inclui em tal discussão, aferindo a representação do bárbaro como um constructo.

²³ “Esta escolha não coincide com a opção que nos foi legada pela tradição cristã. Em seu âmbito, existe sobretudo a tendência para considerar que a noção de ‘bárbaro’ não era pertinente por ter dificuldade em adaptar-se à mensagem universal da religião. Eis o que, na 1ª Epístola aos Coríntios, é declarado por São Paulo: ‘Há no mundo grande quantidade de línguas, e todas são compreensíveis. Mas, se desconhecer o sentido das palavras, serei um bárbaro para quem me fala, e ele será para mim também um bárbaro’ (14,10-11). Aqui, a barbárie tornou-se uma simples questão de ponto de vista; o verdadeiro cristão interessa-se apenas pela unidade na fé, de modo que todas as separações entre os seres humanos não são levadas em consideração. Eis como São Jerônimo resume (no ano 395) várias afirmações do apóstolo Paulo: ‘Uma vez que fomos regenerados no Cristo, já não há entre nós grego nem bárbaro, nem escravo nem homem livre, nem homem nem mulher, mas somos todos nele da mesma natureza’. Nesta ótica, a categoria do bárbaro não tem razão de ser. No mundo habitado pelos cristãos, ela continua sendo utilizada para designar não mais aqueles que falam incorretamente, ou ignorar, a língua local. ,as aqueles, entre os estrangeiros de regiões mais distantes que, parecem ser uma ameaça e se distinguem por sua crueldade e desumanidade-por exemplo, as tribos germânicas que descem do norte para saquear o Império Romano ou, ainda, as hordas de hunos que vêm das estepes mongóis.” Vide: TODOROV, T. Barbárie e civilização. In:_____. **O medo dos bárbaros: Para além do choque das civilizações**. Petrópolis: Vozes, 2010, p.23-65. p. 30.

narrativa de completa violência por parte destes, mesmo que tenham adentrado na região pelo convite do rei *Vortigern*, ao passo que também podemos apontar a caracterização deste último como uma possível dissidência a partir do proposto trecho.

Então, todos os conselheiros, junto com aquele tirano orgulhoso Vortigern, rei bretão, estavam tão cegos que, pensando estar protegendo seu país, selaram seus destinos convidando para estar entre eles, como lobos no rebanho de ovelhas, os ferozes e impiedosos saxões, uma raça cheia de ódio de Deus e do homem, para repelir as invasões das nações do norte. Nunca nada foi tão pernicioso ao nosso país, nada foi mais infeliz. Que palpável escuridão deve ter envolvido suas mentes, escuridão desesperada e cruel! Aquelas mesmas pessoas as quais temiam mais que a própria morte quando ausentes, foram convidadas a residir, como alguém pode dizer, sob o próprio teto. Tolos são os príncipes, como é dito por Thafneos, que deu conselhos ao insensato faraó. Uma multidão de filhotes de leão veio do covil dessa bárbara leoa, em três cyuls, como eles chamam seus navios de guerra, com suas velas infladas pelo vento, presságios e profecias favoráveis, pois foi profetizado por um adivinho que eles deveriam ocupar o país para o qual estavam velejando trezentos anos, e durante metade daquele tempo, cento e cinquenta anos, deveriam pilhá-lo e roubá-lo.²⁴

Tal parágrafo nos permite aferir diversos aspectos supracitadamente expostos, tanto com relação à insatisfação de Gildas no que concerne à situação política da *Britannia*, quanto no que diz respeito a primeira proposição de o que seriam os bárbaros saxões, a saber, animalescos e associados a lobos e a leões, e também pagãos, por fazerem uso de profecias, adivinhos e presságios²⁵.

²⁴ DBC. II. 23 em: GILDAS. **A destruição britânica e sua conquista**. Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 109-207. p.133. A saber: “*Tum omnes consiliarii una cum superbo tyranno Vortigerno[33] caecantur, adinuenintes tale praesidium, immo excidium patriae ut ferocissimi illi nefandi nominis saxones deo hominibusque inuisi, quasi in caulas lupi, in insulam ad retundendas aquilonales gentes intromitterentur. quo utique nihil ei usquam perniciosius nihilque amarius factum est. o altissimam sensus calignem! o desperabilem crudamque mentis hebetudinem! quos propensus morte, cum abessent, tremebant, sponte, ut ita dicam, sub unius tecti culmini inuitabant: ‘stulti principes’, ut dictum est, ‘taneos dantes pharaoni consilium insipiens’. tum erumpens grex catulorum de cubili laeanae barbarae, tribus, ut lingua eius exprimitur, cyulis, nostra longis nauibus, secundis uelis omine auguriisque, quibus uaticinabatur, certo apud eum praesagio, quod ter centum annis patriam, cui proras librabat, insideret, centum uero quinquaginta, hoc est dimidio temporis, saepius uastaret, euectus, primum in orientali parte insulae iubente infausto tyranno terribiles infixit ungues, quasi pro patria pugnaturus sed eam certius impugnaturus. cui supradicta genetrix, comperiens primo agmini fuisse prosperatum, item mitit satellitum canumque proluxiore catastam, quae ratibus aduecta adunatur cum manipularibus spuriiis. inde germen iniquitatis, radix amritudinis, uirulenta plantatio nostris condigna meritis, in nostro cespite, ferocibus palmitibus pampinisque pullulat.*” Vide: VORTIGERN STUDIES- British history 400-600. <<http://www.vortigernstudies.org.uk/arthist/vortigernquotesgil.htm> > Acesso em 25 de janeiro de 2018.

²⁵ THOMPSON, E. A. Il cristianesimo e i barbari del Nord. In: MOMIGLIANO, Arnaldo (Coord.). **Il conflitto tra paganesimo e cristianesimo nel secolo IV**. Torino: Einaudi, 1968. p. 65-89. p. 67-71.

A representação dos saxões como precursores de extrema violência se mantém ainda em grande parte da obra.

Nesses assaltos, que não eram diferentes daqueles dos assírios sobre a Judéia, foi cumprido o que o profeta descreveu em palavras de lamentação: “eles queimaram o santuário com fogo; eles poluíram a terra com o tabernáculo de seu nome.” E, novamente, “Oh, Deus, os gentios vieram em teu patrimônio; eles profanaram teu templo sagrado”. Isso aconteceu de tal forma que todas as colunas foram levadas ao chão pelos ataques frequentes dos rebanhos. Enquanto a espada brilhava e as chamas crepitavam em volta deles por todos os lados, todos os maridos partiram, junto com seus bispos, padres e o povo. Era lamentável de se ver. No meio das ruas os topos das altas torres deitavam, tombadas ao chão, pedras de altos muros, altares sagrados, fragmentos de corpos humanos cobertos com um sangue lívido coagulado, parecendo que haviam sido espremidos juntos em uma prensa, sem chance de serem enterrados, salvo nas ruínas das casas ou nas barrigas famintas das bestas selvagens e dos pássaros. E que isso seja falado com reverência por suas abençoadas almas; se naquele tempo muitos tivessem sido encontrados, seriam carregados para dentro do alto céu pelos anjos sagrados²⁶.

Permeada de sentidos, podemos perceber que a narrativa é muito pontual no que toca os saques realizados pelos saxões, apontando-os como detentores de comportamentos tidos como desumanos em mais de uma parte, tal comportamento aparece principalmente associado a seu caráter bárbaro animalesco, mas se faz ainda mais marcante por apresentar um contraponto em relação ao período romano na região.

Por fim, apontamos o caráter político assumido a partir da chegada dos grupos germânicos e, portanto, no contexto político em que Gildas se insere como determinante para sua argumentação acerca da situação da *Britannia* depois de tais saques, assim como da migração para a Península Armórica.²⁷ Uma vez que a partir do assentamento destes grupos

²⁶ DBC. II. 24. Em: GILDAS. **A destruição britânica e sua conquista**. Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 109-207. p. 134. A saber: “*In hoc ergo impetu assyrio olim in iudaeam comparando completur quoque in nobis secundum historiam quod propheta deplorans ait: ‘incenderunt igni sanctuarium tuum in terra, polluerunt tabernaculum nominis tui’, et iterum: ‘deus, uenerunt gentes in hereditatem tuam; coinquinarunt templum sanctum tuum’, et cetera: ita ut cunctae coloniae crebris arietibus omnesque colonis cum praepositis ecclesiae, cum sacerdotibus ac populo, mucronibus undique micantibus ac flammis crepitantibus, simul solo sternerentur, et miserabili uisu in medio platearum ima turrium edito cardine euulsarum murorumque celsorum saxa, sacra altaria, cadauerum frustra, crustis ac si gelantibus purpurei cruoris tecta, uelut in quodam horrendo torculari mixta uiderentur, et nulla esset omnimodis praeter domorum ruinas, bestiarum uolucrumque uentres in medio sepultura, salua sanctarum animarum reuerentia, si tamen multae inuentae sint quae arduis caeli id temporis a sanctis angelis ueherentur.*” Vide: VORTIGERN STUDIES- British history 400-600. <<http://www.vortigernstudies.org.uk/arthist/vortigernquotesgil.htm> > Acesso em 25 de janeiro de 2018.

²⁷ HAYWOOD, op. cit., p.172.

observamos que prezaram pela manutenção de sua língua, direito consuetudinário²⁸, assim como a manutenção de seu paganismo.

As cidades de nosso país ainda não são habitadas como antes, pois foram abandonadas, derrubadas e ainda estão desoladas. Nossas guerras estrangeiras cessaram, mas nossos problemas civis ainda remanescem. Como a lembrança daquela desolação tão terrível da ilha, bem como sua recuperação inesperada, remanesceu nas mentes daqueles que foram testemunhas desse evento maravilhoso e também entre os reis, magistrados públicos e pessoas privadas, como padres e clérigos, todos passaram a viver ordenadamente de acordo com suas várias vocações. Mas quando eles partiram deste mundo e uma nova raça ignorante desse conturbado tempo lhes sucedeu, tendo apenas experiência da prosperidade presente, todas as leis da verdade e da justiça foram tão mexidas e subvertidas que nem um vestígio ou lembrança dessas virtudes remanesceu entre as ordens de homens acima nomeadas, exceto entre uns poucos que, comparados com a grande multidão que estava diariamente correndo precipitadamente para o Inferno, são contados em tão pequeno número, que nossa mãe superiora, a Igreja, os assiste escassamente, seus únicos filhos verdadeiros que repousam em seu seio. Apesar daquelas vidas úteis serem um padrão para todos os homens e amadas por Deus tanto quanto por seus pregadores e por certos pilares e suportes mais adequados, nossa fraqueza se reergueu. Eu não deveria ter ninguém a quem pretendesse reprovar, mas sou forçado a fazê-lo pelo aumento das várias ofensas. Tenho livremente declarado, com angústia e tristeza, sim, como aumentou a depravação daqueles que se tornaram servos, não apenas para suas crenças, mas também para o Demônio mais que para Cristo, que é nosso abençoado Deus, em um mundo sem fim. Por que deveriam seus compatriotas ocultar quais nações estrangeiras estão agora, e não só agora, mas também continuamente lançando suas presas?²⁹

²⁸ E por conseguinte diferente do direito romano.

²⁹ DBC II.26 Em: GILDAS. **A destruição britânica e sua conquista**. Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 109-207. p. 136. A saber: “*Sed ne nunc quidem, ut antea, ciuitates patriae inhabitantur; sed desertae dirutaeque hactenus squalent, cessantibus licet externis bellis, sed non ciuilibus. haesit etenim tam desperati insulae excidii insperatique mentio auxilii memoriae eorum qui utriusque miraculi testes extitere: et ob hoc reges, publici, priuati, sacerdotes, ecclesiastici, suum quique ordinem seruarunt. at illis decedentibus cum successisset aetas tempestatis illius nescia et praesentis tantum serenitatis experta, ita cuncta ueritatis ac iustitiae moderamina concussa ac subuersa sunt ut earum non dicam uestigium sed ne monimentum quidem in supra dictis propemodum ordinibus appareat, exceptis paucis et ualde paucis qui ob amissionem tantae multitudinis, quae cotidie prona ruit ad tartara, tam breuis numerus habentur ut eos quodammodo uenerabilis mater ecclesia[45] in suo sinu recumbentes non uideat, quos solos ueros filios habet. quorum ne quis me agregiam uitam omnibus admirabilem deoque amabilem carpere putet, quibus nostra infirmitas in sacris orationibus ut non penitus conlabatur quasi columnis quibusdam ac fulcris saluberrimus sustentatur, si qua liberius de his, immo lugubrius, cumulo malorum compulsus, qui seruiunt non solum uentri sed diabolo potius quam christo, qui est benedictus in saecula deus, non tam discptauero quam defleuero. quippe quid celabunt ciues quam non solum norunt sed exprobrant iam in circuitu nationes?*” Vide: VORTIGERN STUDIES-British history 400-600. <<http://www.vortigernstudies.org.uk/arthist/vortigernquotesgil.htm>> Acesso em 25 de janeiro de 2018.

Tal trecho nos permite refletir acerca do posicionamento de Gildas não mais com relação à situação anterior as migrações anglo-juto-saxônicas, mas com relação à situação contextual em que o mesmo se insere, concordando com a historiografia no que aponta a escrita de Gildas em uma média de 60 a 100 anos³⁰ após o episódio da batalha do monte Badon, ou Badonicus.³¹ Uma vez que o assentamento anglo-saxão efetiva-se observamos que a organização da ilha, mesmo que esta já contasse com subdivisões já após a retirada romana, vai se configurar de forma a respeitar os limites propostos por esses, organizações essas que culminam por conseguinte na formação dos reinos anglo-saxões.

A partir do cruzamento da DBC com as informações adquiridas por meio da historiografia³² que trabalha os processos migratórios à região ocidental do Império Romano e a questão específica da *Britannia*, analisamos a complexidade das relações estabelecidas na região já denotado no período romano e intensificado com as migrações.

De tal modo, conseguimos perceber que no discurso de Gildas há uma dualidade discursiva que pode ser percebida pela dicotomia entre o papel atribuído aos romanos, de piedosos, organizados, generosos e cristãos; e aquele atribuído aos saxões, bárbaros e por conseguinte, animalescos, brutais, violentos e pagãos. Uma vez que estes são associados à imagem e comportamento de lobos,³³ à extensa violência em combate e desrespeito aos corpos seja de homens, mulheres, crianças ou idosos,³⁴ ou ainda quanto às suas crenças pagãs em associação ao diabo.³⁵

A partir disso, podemos observar que o período, por nossa pesquisa tratado, é marcado pelas intensas mudanças que acometem a região ocidental do império, mas, mais do que isso é

³⁰ Dependendo da leitura historiográfica, como pontuado no capítulo anterior.

³¹ Vale dizer que a historiografia aponta tal batalha como uma das últimas de expressão em que os bretões teriam feito frente bélica aos saxões. Griggs no entanto, aponta que que o fato de Gildas ocultar as batalhas subsequentes não indica que os grupos migratórios não voltaram a incursar em ataque sobre a região, mas sim que os bretões não obtiveram mais sucesso em batalha. Apesar de ponderarmos sobre o exagero de tal conclusão, é fato que os saxões se estabeleceram e que Gildas não narra as batalhas subsequentes, logo é de se apontar que tal domínio se efetivou sem podermos no entanto concordar que não tenha havido mais resistência por parte dos locais, já que como aponta Haywood não podemos pressupor que os bretões eram indefesos, mesmo no caso da retirada para a Armórica.

³² Importando aqui ressaltar a dificuldade de encontrar bibliografia acerca da Inglaterra medieval em língua portuguesa, principalmente no que toca o período das migrações anglo-saxônicas à ilha, sendo possível apontar, de nosso conhecimento, poucos estudiosos dedicados à tal temática no Brasil.

³³ DBC. II. 23. Em: GILDAS. **A destruição britânica e sua conquista**. Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 109-207. p.133.

³⁴ DBC. II. 24. Em: GILDAS. **A destruição britânica e sua conquista**. Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 109-207. p. 134.

³⁵ DBC. II. 26. Em: GILDAS. **A destruição britânica e sua conquista**. Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 109-207. p. 136.

um período de intensas transformações no que tange a organização política e as relações conseguintes com o plano religioso e cristão da região da *Britannia*.

Considerações Finais

Tendo como norte de nossa pesquisa a questão de disputa política na qual se insere a representação dos bárbaros na obra de Gildas, pensando-as em um plano mais amplo no qual o autor se insere enquanto escritor cristão em um contexto de transformações que incluem a *Britannia*, apontamos para o caráter construtivo acerca de dois ideais, o primeiro de civilizado no qual ele mesmo se insere, e que corresponde à tradição romana cristã, enquanto que o segundo corresponde à barbárie legada aos grupos recém chegados, marcada pela violência, desregramento e o paganismo.

Utilizar a documentação de Gildas no contexto britânico nos permite perceber como tal lógica de construção argumentativa perpassa por todos os espaços nos quais a religião cristã se encontra inserida, assim podemos perceber que tanto no reino visigodo como no caso de Jordannes, quanto no caso oriental com Amiano Marcelino e apresenta a preocupação de inserir tais grupos dentro do universo simbólico cristão.

Assim, podemos separar em dois grupos de inserção tais obras. De um lado, aquelas que já associadas a projetos monárquicos e com grupos já cristianizados propõe tais grupos bárbaros associando-os aos ideais romanos e, portanto, civilizados, como no caso dos visigodos na obra de Jordanes ou ainda dos francos na obra de Gregório de Tours, por exemplo. Por outro lado encontramos as obras que propõem a extrema violência e rechaçamento de tais grupos por quebrarem a ordem romana instaurada e que, portanto, caracterizam os grupos com extrema ojeriza, associando-os em larga medida a animais. Em tal sentido, podemos apontar não apenas Gildas mas também Amiano Marcelino em sua *Historia Romana*.

O que difere nos dois modelos corresponde intrinsecamente, a nosso ver, não apenas a reorganização política que se estabelece a partir da chegada de tais grupos, mas principalmente, à questão religiosa. Uma vez que o propósito cristão se vê ameaçado, se levarmos em consideração que todos os autores apontados são de tradição clássica/ romana e cristãos, a partir disso aferimos que a conjugação da disputa religioso-política propõe tais representações em busca da manutenção de um *status quo* em disputa com a chegada e assentamento de tais grupos.

Atentando-nos para um período em que não apenas tais migrações ganham proporções expressivas, mas que o cristianismo se encontra em (re)formulação. Além disso, também com uma expansão propriamente dita, se pensarmos na cristianização de regiões como a Irlanda, com São Patrício, ou ainda a conversão dos Reinos Visigodos, ao cristianismo ortodoxo, uma

vez que estes já eram cristãos, mas arianistas, ou o Reino Franco, com a conversão de Clóvis do paganismo ao cristianismo.

No caso de Gildas, temos um expoente de uma aristocracia bretã-romanizada frente a um panorama de organização anglo-juto-saxã pagã, ou seja, um cenário em que o cristianismo já vinha sendo “negligenciado” após a saída romana da região. Com isso não queremos apontar para um maniqueísmo no qual o autor conspira ao repreentar os “bárbaros” de tal forma associados à características pejorativas, mas apontamos sim, para o caráter dos interesses do grupo do qual ele faz parte, Gildas é civilizado, romano e cristão, logo insere-se em um universo simbólico que vê o *outro* a partir de seu próprio eixo de entendimento e, portanto, como bárbaro.

Entrar em contato com as últimas pesquisas que apontam para o caráter político dos documentos estudados e as intencionalidades contidas em tais textos foi essencial para nos atentarmos para o panorama estudado. Ora, a *Britannia* não corresponde apenas a uma região romana assolada pelas migrações germânicas a partir da crise do Império, esta corresponde também a uma das últimas possessões romanas que entraram na composição de tal Império. Tendo esta ainda sido assolada durante todo o período romano na ilha pelos grupos das nações do norte pagãs, escotos e pictos. Logo, converte-se em uma região fronteira dos contatos entre civilização e barbárie.

O que fica claro na obra de Gildas, é que o tratamento dispensado às nações do norte e aos saxões é diferente, mesmo que ambos sejam grupos bárbaros. Os primeiros não se convertem em preocupação para o autor, mesmo que o contato destes nas “fronteiras” permaneça constante.

O trato dispensado aos saxões e as suas atitudes corresponde principalmente ao cenário contextual em que o autor escreve, levando em consideração que este nasceu e viveu em um dos reinos formados a partir do assentamento de tais grupos, sendo assim um espaço em que o cristianismo progressivamente perdia expressividade.

Assim, podemos concluir esta pesquisa, que se propôs, a partir de três eixos, analisar a migração anglo-saxã à *Britannia* do século V, a partir da obra DBC. Num plano geral, podemos perceber que as representações presentes nas crônicas nos possibilitam reflexões interessantes ao tratarmos das migrações e assentamentos germânicos no ocidente romano, principalmente ao cruzarmos tais documentações com a historiografia acerca do assunto, já que estas, pensando as obras mais clássicas e manuais, tendem a homogeneizar o processo em blocos sem atentar-se para as particularidades dos processos, impondo assim modelos que por vezes não são tão concretos quanto se pretendem.

Nesse sentido, os eixos propostos em nossa pesquisa, ou seja, os processos migratórios, a questão administrativa e contextual britânica e o uso das crônicas: estas possibilitaram a acepção de novas ideias acerca da construção dos modelos de civilização e barbárie, e por conseguinte identitários, das obras de herança romana e portanto cristã, levando-se em consideração as transformações sócio-político-religiosas por quais tal período se vê perpassado.

Referências Bibliográficas

Documentação Medieval Impressa

GILDAS. **A destruição britânica e sua conquista**. Tradução de Bruno de Oliveira. Vitória: EDUFES, 2002, p. 117-207.

GILDAS. **On the ruin of Britain**. Tradução de J. A. Giles. Ontario: Cambridge, 2000.

_____. VORTIGERN STUDIES - British History 400-600. <<http://www.vortigernstudies.org.uk/arthist/vortigernquotesgil.htm>> Acesso em 25 de janeiro de 2018.

Referências Teórico-Metodológicas

BECKER, A. Ethnicité, identité ethnique. Quelques remarques pour l'Antiquité tardive. **Gérion**, Madrid, v. 32, p. 289-305, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

_____. Algumas propriedades dos campos. In: _____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 1984. p. 119-126.

_____. **Razões práticas**. São Paulo: Papirus, 1996.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Miraflores: Difel, 2002.

_____. O mundo como representação. **Revista dos estudos avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

_____. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

DETIENNE, M. **A identidade nacional: um enigma**. Belo horizonte: Autêntica, 2013.

HOBBSBAWM, E. A produção em massa das tradições: Europa, 1870 a 1914. In: _____.;

RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2012, p. 337-385.

_____. Introdução: A invenção das tradições. In: _____.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2012, p. 7-26.

SILVA, A. C. L. F. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. **Signum**, Curitiba, v.13, n.1, p. 131-153, 2015.

TODOROV, T. Barbárie e civilização. In: _____. **O medo dos bárbaros: Para além do choque das civilizações**. Petrópolis: Vozes, 2010, p.23-65.

TORO VIAL, J. M. As crônicas universais e a cosmografia medieval. In: TEIXEIRA, I. S.; BASSI, R. **A escrita da História na Idade Média**. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 158-183.

Referências bibliográficas gerais

- ALCOCK, Leslie. **Arthur's Britain: History and Archaeology, AD 367-634**. Nova Yorke: Penguin, 2001.
- ALMEIDA, Neri de Barros. A História Medieval no Brasil. **Signum**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 163-188, 2013.
- AMARAL, R. O bárbaro como constructo. Uma rediscussão historiográfica das migrações germânicas a luz dos conceitos de cultura, civilização e barbárie. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 6-28, 2014.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, P. Rome. In: _____. **Passages from Antiquity to Feudalism**. Londres: Bristol, 1974, p. 53-106.
- _____. The Transition. In: _____. **Passages to Antiquity to Feudalism**. London: NLB, 1974, p.107-146.
- _____. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: UNESP, 2013. p. 119-142.
- ANTIQUERA, Moises. Era uma vez a crise do Império romano no século III: percursos de um recente itinerário historiográfico. **Dialogos Mediterrânicos**, Curitiba, n. 9, p. 152-168, 2015.
- ARAÚJO, V. C. D. Contribuições para elucidação da etnogênese saxônica. **Brathair**, São Luis, v. 12, n. 1, p. 152-160, 2012.
- ARCE, J. Frontiers of the Late Roman Empire: Perceptions and Realities. In: WOOD, I; POHL, W.; REIMITZ, H. (Org.). **The transformation of frontiers: from Late Antiquity to the Carolingians**. Leiden; Boston: Brill, 2001, p. 5-14.
- BANNIARD, M. **A alta idade média ocidental**. Sintra: Publicações Europa-América, 1980.
- BARBERO, Alessandro. **O dia dos bárbaros: 9 de agosto de 378**. São Paulo: Estação liberdade, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. Passagens de Antiguidade Romana ao Ocidente Medieval: leituras historiográficas de um período limítrofe. **História**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 557-9, 2009.
- BIBIANI, D.; TORRES, M. R. A evolução política da Alta Idade Média na Europa Ocidental: da pluralidade de Reinos Romano-Germânicos à Unidade Carolíngia. **Brathair**, São Luis, v. 2, n. 1, p. 3-13, 2002.
- BIRLEY, Anthony. **The people of Roman Britain**. Berkeley, 1980

- BLAIR, John. "The Anglo-Saxon Period (c. 440-1066)." In: MORGAN, Kenneth (Ed.). **The Oxford History of Britain**. New York: Oxford University Press, 2000. p. 60-119.
- BLOCH, M. **Apologia da História: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CARRIÉ, J. M. Developments in provincial and local administration. In: BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; CAMERON, A. (Ed.). **The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire A.D. 193-337**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 269-312.
- CASWELL, Bryan. 'Of the Ruin and Conquest of Britain': The Anglo Saxon Transformation of the British Isles. **The Gettysburg Historical Journal**, [s.l.], v. 14, p. 43-56, 2015.
- CAVAGNA, Alessandro. Os povos germânicos. In: ECO, Umberto. (Org.). **Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos**. Lisboa: Dom Quixote, 2011. p. 54-58.
- CHARLES-EDWARDS, Thomas. Introduction. In: _____. (Ed.). **After Rome**. Nova Yorke: Oxford University Press, 2003. p. 1-22.
- _____. Nations and Kingdoms: A View from Above. In: _____. (Ed.). **After Rome**. Nova Yorke: Oxford University Press, 2003. p. 23-60.
- CHEVITARESE, A. L. Cristianismos: questões e debates metodológicos. Rio de Janeiro: Kliné, 2011.
- COSTA, Ricardo da.; OLIVEIRA, B. Visões do apocalipse anglo-saxão na "Destruição Britânica em Elegia"(c. 540-546), de São Gildas. **Brathair**, São Luís, n.2, p.19-41, 2001.
- CRUZ, Marcus. Gregório de Tours e Jordanes: a construção da memória dos bárbaros no VI século. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 36, n. 1, p. 13-27, 2014.
- CUVILLIER, Jean-Pierre. "A Urfamília Germânica: Povo, Clã, Casa". In: BURGUIÈRE, André, KLAPISCH-ZUBER, Christiane, SEGALIN, Martine e ZONABEND, Françoise (dir.). **História da Família 2. Tempos Medievais: Ocidente, Oriente**. Lisboa: Terramar, 1997, p. 23-41.
- DANIELL, Christopher. The Geographical Perspective of Gildas. *Britannia*, [s.l.], v. 25, p. 213-217, 1994.
- ECO, Umberto. **Idade Média: Bárbaros, cristãos e muçulmanos**. Alfragide: Dom Quixote, 2010.
- FILHO, R. A. Um espelho esmaecido. O reino visigodo de Toledo: Cristianismo e Monarquia. **Signum**, Londrina, v. 14, n. 1, p. 124-151, 2013.
- FLEMING, Robin. **Britain after Rome: The Fall and Rise, 400-1070**. Nova Yorke: Penguin, 2011.

FRANCO JR, Hilário. **Idade Média: O nascimento do Ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

FRIGHETTO, R. **Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações.** Curitiba: Juruá, 2012.

_____. Religião e política na Antiguidade Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV. **Dimensões**, Vitória, v. 25, p. 114-130, 2010.

_____. Transformação e tradição: a influência do pensamento político e ideológico do mundo romano clássico na Antiguidade Tardia. **Diálogos**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 19-42, 2008.

_____. Política e poder na Antiguidade Tardia: uma abordagem possível. **História Revista**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 161-177, jan-jun. 2006.

FUNARI, P. P. *Romanos e Germânicos: Lutas, guerras, rivalidades na Antiguidade Tardia.* **Brathair**, São Luis, v. 7, n. 1, 17-24, 2007.

GARRAFFONI, R. S. Bretanha romana: repensando os discursos arqueológicos. In: FUNARI, P. P. A.; SILVA, G. J.; MARTINS, A. L. (Org.). **História Antiga: contribuições brasileiras.** São Paulo: Annablume, 2008, p.101-113.

GEARY, P. A Europa das nações ou a nação Europa: Mitos de origem passados e presentes. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, Aveiro, v.1, n. 1, p. 21-35, 2013.

_____. **O mito das nações: a invenção do nacionalismo.** São Paulo: Conrad, 2005.

_____. Barbarians and Ethnicity. In:_____. **Writing history: Identity, conflict, and memory in the Middle Ages.** Iasi: Academiei Române, 2012, p. 34-70.

_____. Ethnic Identity as a Situational Construct in the Early Middle Age. In: _____. **Writing History: Identity, Conflict, and Memory in the Middle Ages.** [s.l]: Institute of Archaeology of Iași, 2012, p. 1-18.

_____. History as Memory. In:_____. **Writing history: Identity, conflict, and memory in the Middle Ages.** Iasi: Academiei Române, 2012, p. 230-247.

_____. Medieval Germany in America. In:_____. **Writing history: Identity, conflict, and memory in the Middle Ages.** Iasi: Academiei Române, 2012, p. 210-229.

_____. Multiple Middle Ages: Rival Meta-Narratives and the competition to Speak the past. In:_____. **Writing history: Identity, conflict, and memory in the Middle Ages.** Iasi: Academiei Române, 2012, p. 324-338.

_____. The Meaning of Religion and Conversion in the Early Middle Ages. In:_____. **Writing history: Identity, conflict, and memory in the Middle Ages.** Iasi: Academiei Române, 2012, 19-33.

_____. Ethnic identity as a situational construct in the early middle ages. **Mitteilungen der anthropologischen gesellschaft in Wien**, n. 113, p. 15-26, 1983. Disponível em: <<http://www.verlagberger.at/alleprodukte/anthropologischegesellschaft/hauptbaende/detail/v/isbn-978-385028-183-6-34.html>>

GIBBON, E. **Declínio e queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GIDLOW, C. **O reinado de Arthur: da história à lenda**. São Paulo: Madras, 2005.

GOETZ, H-W. Concepts of realm and frontiers from late antiquity to the Early Middle Ages : some preliminary remarks. In: WOOD, I; POHL, W.; REIMITZ, H. (Org.). **The transformation of frontiers: from Late Antiquity to the Carolingians**. Leiden; Boston: Brill, 2001, p. 73-82.

_____. Historical Writing, Historical Thinking and Historical Consciousness in the Middle Age. **Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, n.2, p.110-128, maio /2012.

_____. *Gens*. Terminology and perception of the ' Germanic' peoples from Late Antiquity to the Early Middle Ages. In: CORRADINI, R.; DIESENBERGER, M. ; REIMITZ, H. (EE.). **The construction of communities in the Early Middle Ages: Texts, resources and artefacts**. Leiden; Boston: Briil, 2003, p. 39-64.

GONÇALVES, A. T. M. Diversidade étnica no Império romano: o caso dos bretões. **Phoinix**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 15-23, 2002.

GRIGG, Erik. *Gildas*. [s.l]: [s.n], [20-- ?]

GRIMAL, Pierre. **A civilização romana**. Lisboa: Edições 70, 1993.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. Crônica de um gênero histórico. **Diálogos Mediterrâneos**. v. 1, n. 2, p. 61-79, maio/2012.

HALSALL, G. Movers and Shakers: the barbarians and the fall of Rome. **Early Medieval Europe**, Oxford, n.8, p. 131-145, 1999.

_____. **Barbarian migrations and the roman west 376-568**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

HANNING, Robert. **The Vision of History in Early Britain: from Gildas to Geoffrey of Monmouth**. Nova York: Columbia University, 1966.

HARRISON, S. Cultural difference as denied resemblance: reconsidering Nationalism and Ethnicity. **Comparative studies in Society and History**, Cambridge, v. 45, n. 2, p. 343-361, 2003.

HARTOG, F. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

- _____. **Regimes de Historicidade**. São Paulo: Contexto, 1999.
- HAYWOOD, J. A terra virada para o mar. In: _____. **Os celtas: Da idade do bronze aos nossos dias**. Coimbra: Edições 70, 2009, p. 169-182.
- _____.; CUNLIFFE, B. *The historical atlas of the celtic world*. Londres: Thames & Hudson, 2001.
- HIGHAM, N. J. **The Anglo-Saxon World**. New Haven: Yale University Press, 2013.
- _____. **The English Conquest: Gildas and Britain in the Fifth Century**. Manchester: Manchester University Press, 1994.
- HILLGARTH, J. N. *Cristianismo e Paganismo: A conversão da Europa ocidental*.
- HINGLEY, Richard. **O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha**. São Paulo: 2010.
- JAEGER, W. **Paideia**. Los ideales de la cultura griega. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- KULIKOWSKI, Michael. A busca pelas origens dos godos. In: _____. **Guerras góticas de Roma**. São Paulo: Madras, 2008, p. 61-89.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005
- _____.; SCHMITT, Jean- Claude (Org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006.
- _____. Documento/monumento. In: _____. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- LOBATO, M. N. C. A. Realeza, cristianização, e sacralização dos espaços bélicos na Northúmbria (séc. VII). **Brathair**, São Luis, v. 12, n. 1, p. 88-100, 2012.
- LOOMIS, Roger Sherman. **The Development of Arthurian Romance**. New York: Dover, 2000.
- LOT, F. **Les invasions germaniques: la pénétration mutuelle du monde barbare et du monde romain**. Paris: Payot, 1945.
- _____. **El fin del mundo antiguo y el comienzo de la edad media**. Mexico: Union Tipografica Hispano Americana, 1956.
- MACHADO, C. A. R. A Antiguidade Tardia , a queda do Império Romano e o debate sobre o " fim do mundo antigo". **Revista História**, São Paulo, n.173, p. 81-114, jul.-dez. 2015.
- MARKALE, Jean. **Le Roi Arthur et la Société Celtique**. Paris: Payot, 1996.
- MATTEI, J. F. **A barbárie interior: Ensaio sobre o i-mundo moderno**. São Paulo: UNESP, 2002.

- MEDEIROS, E. O. S. "*Her mon maeg giet gesion hiora swaed*": Uma breve história sobre os estudos anglo-saxônicos. **Brathair**, São Luis, v. 12, n. 2, p. 31-44, 2012.
- _____. Uma introdução ao estudo da conversão e das práticas mágicas na Inglaterra anglo-saxônica. **Brathair**, São Luis, v. 10, n. 1, p. 54-66, 2010.
- MENDES, N. M. A descaracterização do sistema de domínio imperial romano no Ocidente. **Phoenix**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 403-418, 1998.
- _____. Império e romanização: "estratégias", dominação e colapso. **Brathair**, São Luis, v. 7, n. 1, p. 25-48, 2007.
- _____. Romanização: cultura imperial. **Phoenix**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 307-324, 2009.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. São Paulo: EDUSC, 2004
- MUSSET, Luciano. **Las Invasiones. Las Oleadas Germánicas**. Barcelona: Editorial Labor S. A., 1967.
- NATAL VILLAZALA, D. **De Ambrosio de Milán a Lérins: gestión del conflicto y construcción del poder episcopal en época teodosiana (375-450 d. C)**. León, 2010, 451 f. Tese (Doutorado em História)- Departamento de História, Universidade de León, León, 2010.
- OLIVEIRA, B.; COSTA, R. Visões do apocalipse anglo-saxão na "*Destruição britânica em Elegia*" de São Gildas. **Brathair**, São Luis, v. 1, n. 2, p. 19-41, 2001.
- PEIXOTO, P. V. S. Dois momentos distintos da historiografia antiga sobre os *barbaroi*: do distante ao próximo. CANDIDO, Maria Regina (Coord.). CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELIGIÃO, MITO E MAGIA NO MUNDO ANTIGO, 1, 2010, Rio de Janeiro. **Atas...**Rio de Janeiro: NEA- UERJ, 2010, p. 283-295.
- PINTO, O. L. V. Átila, rei dos ostrogodos? Um estudo acerca de identidades imaginárias na Antiguidade Tardia. **História e Cultura**, Franca, v.2, n.3, p. 306-319, 2013.
- _____. Contos de uma insurreição: A batalha do rio Nedão e a revolta fictícia dos povos germanos. **Brathair**, São Luis, v. 15, n. 2, p. 115-131, 2015.
- PIRENNE, H. **Maomé e Carlos Magno: O impacto do Islã sobre a civilização europeia**. Rio de Janeiro: Editora Puc, 2010.
- POHL, W. Conclusion: The Transformation of Frontiers. In: POHL, W.; WOOD, I.; REIMITZ, H. **The Transformation of Frontiers: From Late Antiquity to Carolingians**. Brill: Koninklijke, 2001, p. 247-260.
- _____. **Kingdoms of the Empire: The integration of barbarians in late antiquity**. Leiden: Brill Academic Publishers, 1997.

PONTESILLI, Mauro. As migrações dos bárbaros e o fim do Império Romano do Ocidente. In: ECO, Umberto. (Org.). **Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos**. Lisboa: Dom Quixote, 2011. p. 49-54.

PREVITÉ-ORTON, C. W. **Historia del Mundo en la Edad Media**. Desde el Bajo Imperio Romano Hasta la Disolucion del Imperio Carolingeo. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, S. A., 1967.

RAINHA, R. S.; SILVA, P. D. Dossiê: Germânismo, barbárie, identidade e alteridade no Ocidente medieval. **Brathair**, São Luis, v. 15, n. 2, p. 1-3, 2015.

SILVA, D. G. G.; ALBUQUERQUE, M. C. Bárbaros ou romanos? Sobre identidades e categorias discursivas. *Mirabilia* (Vitória. Online) , v. 21, p. 345-359, 2015.

SILVA, Leila Rodrigues. **Monarquia e Igreja na Galiza na segunda metade do século VI: O modelo de monarca nas obras de Martinho de Braga dedicadas ao rei suevo**. Niterói: EdUFF, 2008.

SILVA, R. R. Reflexões acerca da Hierarquização Social na Inglaterra anglo-saxônica à luz de sua Literatura. **Brathair**, São Luis, n.1, p. 81-86, 2007, edição especial.

SILVA, Paulo Duarte. O Debate Historiográfico sobre a passagem da Antiguidade à Idade Média: Considerações Sobre as Noções de Antiguidade Tardia e Primeira Idade Média. **Signum**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 73-91, 2013

_____.; XAVIER, N. A. O cristianismo ocidental em perspectiva: a conversão monárquica nos reinos suevos e de Kent (séc. VI-VII). **Brathair**, São Luis, v. 15, n. 2, p. 4-31, 2015.

SILVEIRA, Verônica da Costa. Os godos na Aquitânia e a queda do Império Romano Ocidental. **Brathair**, São Luis, v. 15, n. 2, p. 83-114, 2016.

STORTI, Francesco. Guerra e Sociedade nos Reinos Romano-Bárbaros. In: ECO, Umberto. (Org.). **Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos**. Lisboa: Dom Quixote, 2011. p. 264-268.

TEJA, R. Sobre la actitud de la población urbana en Occidente ante las invasiones bárbaras. **Hispania Antiqua**, v.6, p. 7-18, 1976.

THOMPSON, E. A. Saint Germanus of Auxerre and the End of Roman Britain. **Studies in celtic history**: Woodbridge,[s.l], v. 6. p. 1984.

_____. Il cristianesimo e i barbari del Nord. In: MOMIGLIANO, Arnaldo (Coord.). **Il conflitto tra paganesimo e cristianesimo nel secolo IV**. Torino: Einaudi, 1968. p. 65-89.

TODD, M. The Germanic peoples and Germanic Society. In: BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; CAMERON, A. (Ed.). **The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire A.D. 193-337**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 440-460.

TORRES, M. R. O desenvolvimento da cultura letrada nas Ilhas do Norte e sua influência no mundo carolíngio. **Brathair**, São Luis, v. 1, n. 1, p. 59-74, 2001.

TREVELYAN, G. M. **História Concisa da Inglaterra**. Volume I. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.

VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão (312-394)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

WICKHAM, C. Political breakdown and state-building in the North. In: _____. **Framing the Early Middle Ages: Europe and the Mediterranean 400-800**. Oxford: Oxford University, 2005, p.303-382.

WILKES, J. Provinces and frontiers. In: BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; CAMERON, A. (Ed.). **The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire A.D. 193-337**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 212-268.

WOOD, I. Continuity or calamity : the constrains of literary models. In: DRINKWATER, J.; ELTON, H. (Ed.). **Fifth Century Gaul: a crisis of identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

_____. Introduction: Drawing frontiers. In: _____. POHL, W.; REIMITZ, H. (Org.). **The transformation of frontiers: from Late Antiquity to the Carolingians**. Leiden; Boston: Brill, 2001, p.1-4.

_____. Gentes, kings and kingdoms—the emergence of states. The kingdom of the Gibichung. In: GOETZ, H-W.; FARNUT, F.; POHL, W. (Org.). **Regna and Gentes: The relationship between Late Antique and Early Medieval People and Kingdoms in the Trasnformation of th Roman World**. Leiden; Boston: Brill, 2003, p. 243-270.

_____. The brabarian invsion and first settlements. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (Ed.). **The Cambridge ancient history**. The late empire, A. D. 337-425. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 516-537.

WOLFRAM, H. **The Roman empire and its germanic peoples**. Berkeley: University of California Press, 1997.

XAVIER, N. A. . Cristianização de Kent: a construção do 'outro' religioso no Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum. In: XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio:

Saberes e Práticas Científicas, 2014, Rio de Janeiro. **Anais** do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas, 2014.

ZIERER, Adriana. Arthut: de guerreiro a rei-cristão nas fontes medievais Latinas e célticas. **Brathair**, v.2, n. 1, p. 40-54, 2010.